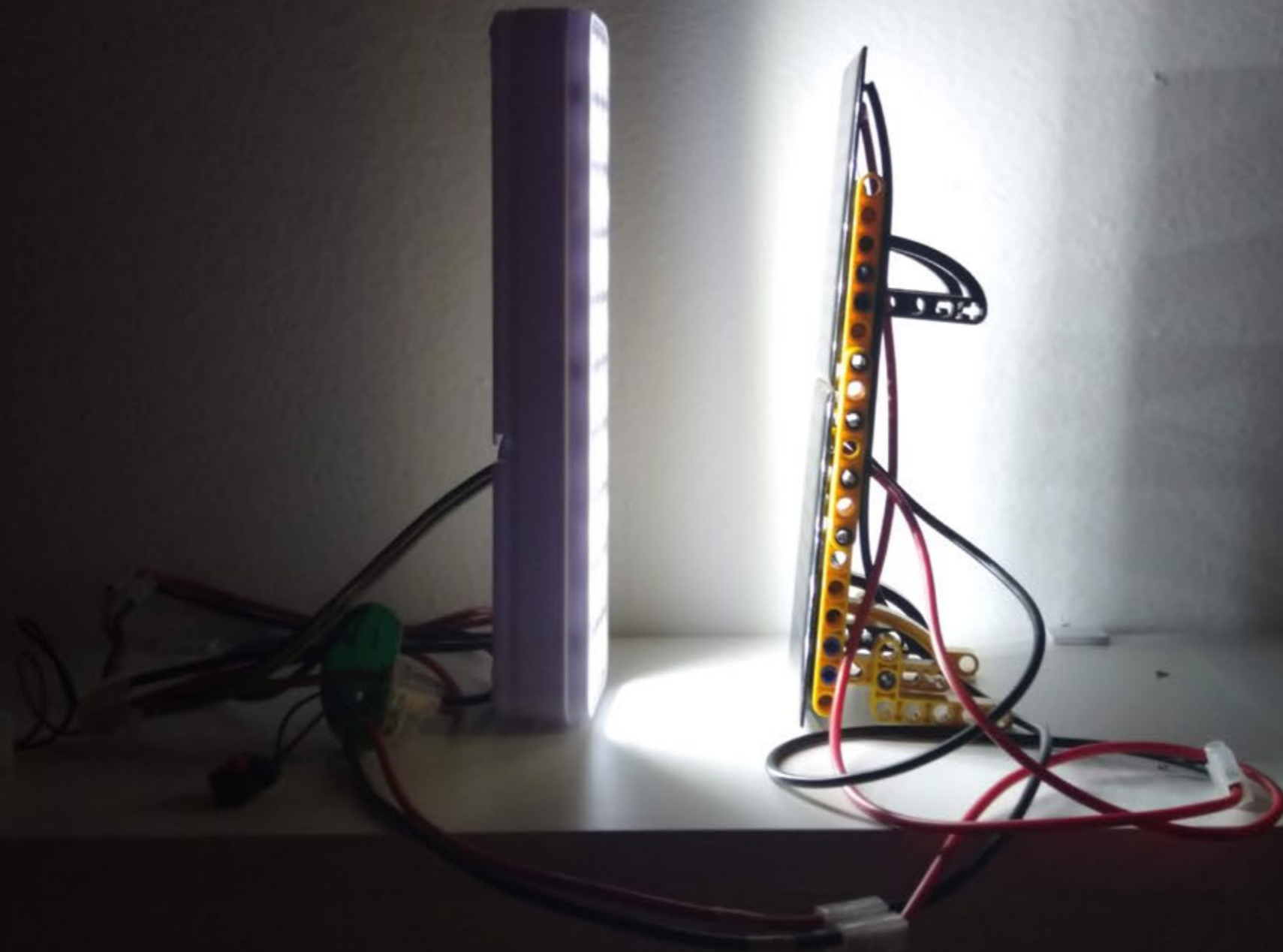


Jonas Esteves



Jonas Esteves

São Paulo, 1983. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Jonas Esteves de Bem, mais conhecido como Jonas Esteves é natural de São Paulo residindo ao longo de sua vida em Curitiba e cidades de Santa Catarina. Sua produção, que em um primeiro momento se apresenta em objetos eletrônicos, vai além das suas funcionalidades e limitações transitando em outros meios de produção.

Programador e hacker autodidata, procura desvirtuar a tecnologia a fim de lhe empregar uma outra funcionalidade, fugindo do atual aceleracionismo dos dispositivos que nos circundam. Tal experiência não estabelece apenas um outro olhar sobre os dispositivos, se amplia à medida que suas reflexões estabelecem também um outro olhar sobre o ambiente em que vivemos, seja na cidade ou no campo, esse último se estabelecendo como ambiente de sua pesquisa onde através de próteses procura por amplificar os sentidos ou ampliar o corpo.

Acredita que seu trabalho se faz a partir da relação afetiva, seja no desenho, desmontando objetos a fim de saber como funcionam ou com o correr do tempo de desvanecer uma luz. Na cidade acredita que nada é por acaso, a partir da observação atenciosa sobre as mídias locativas que se misturam entre a cidade, a natureza e o clima, reflete que os defeitos apresentados por esses dispositivos comunicantes passam a funcionar como uma outra língua sinais de uma incompreensão ou um não lugar. Quando no campo, tenta de maneira sutil capturar dados ou sinais imperceptíveis aos sentidos humanos, aliás existiria uma maneira de se aproximar da natureza de maneira sutil através de dispositivos eletrônicos?

Atualmente Jonas é Mestrando em Poéticas Interdisciplinares na Escola de Belas Artes da UFRJ, onde tem dado continuidade às suas pesquisas e se dedicado de forma primorosa a estabelecer uma possível sensibilidade e conexão entre arte, ciência, tecnologia e natureza. Por vezes usa seu próprio corpo como suporte a essas experimentações tecnológicas, em outras dialoga com híbridos entre planta e robô, estabelecendo uma linha de comunicação e cuidado entre essas relações interespecies.

Email jonas.esteves@gmail.com

Site <http://www.jonas.art.br/>

Acesse o site para ver o CV completo do artista

Exposições Individuais

- 2016 - "EXECUTE - SE", Curadoria de Claudia Zimmer, Festival Sesc Cariri, Crato/CE.
- 2016 - "EXECUTE - SE", Curadoria de Claudia Zimmer, Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, Niterói/RJ.
- 2014 - "EXECUTE - SE", Curadoria de Claudia Zimmer, Fundação Cultural Badesc, Florianópolis/SC.
- 2013 - "EXECUTE - SE", Curadoria de Claudia Zimmer, Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski, Criciúma/SC.

Exposições Coletivas

- 2019 - Estopim e Segredo, Curso de formação e deformação do Parque Lage Corte 3
- 2019 - Estopim e Segredo, Curso de formação e deformação do Parque Lage
- 2019 - Na Zanza, Escola sem Sitio e Villa Aymoré
- 2018 - Apesar de tudo, Curadoria Cristine Gomes e Daniele Zacarão, Galeria de Arte Contemporânea do Centro Cultural Jorge Zanatta, Criciúma/SC
- 2018 - Entre o vao e a plataforma, Curadoria Osvaldo Carvalho, Solar Meninos de Luz - Rio de Janeiro -RJ
- 2018 - Objetos Singulares, Histórias Improváveis, Curadoria Jonas Esteves e TiroTTi, SESC Joinville - Joinville-SC.
- 2018 - Desterro Desaterro, Curadoria Josué Mattos, MASC Museu de Arte de Santa Catarina - Florianópolis-SC.
- 2017 - Escola em transe, Parque Lage, Rio de Janeiro/RJ
- 2017 - Políticas Incendiárias, Centro Cultural Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ
- 2017 - Exposição coletiva Airez, paralela a programação da Bienal de Curitiba, Curitiba/PR
- 2017 - Exposição coletiva itinerante Confluências (O designo e a matéria), Sesc Interlagos, São Paulo/SP
- 2017 - Exposição coletiva itinerante O designo e a matéria, Galeria de arte do Sesc Palmas, Palmas/TO
- 2015 - Exposição Experimentação 2, Curadoria de Claudia Zimmer, Helen Rampinelli Galeria Ateliê - Criciúma-SC.

Salões

- 2018 - XXVI SLAC - Salão Limeirense de Arte Contemporânea, Curadoria de Sylvia Furegatti, Tadeu Chiarelli e Valéria Piccoli
- 2010 - 14º salão dos Novos de Joinville, Arte e Tecnologias Acessíveis, Curadoria de Eduardo Brandão, Daniela Bousso e Raquel Stolf, Joinville/SC.

Oficinas (Participação)

- Hiperorgânicos - Maio 2018 - Participação no Open Lab - Museu do Amanhã - Rio de Janeiro
- Hiperorgânicos - Maio 2017 - Museu do Amanhã - Rio de Janeiro
- Oficina EscritaEscuta - Outubro 2016 - Centro Cultural Hélio Oiticica - Rio de Janeiro

Oficinas (Ministrante)

- Diálogos, conexões e processos. Arte e Afetos - Março 2018 - UNESCO - Criciúma - Santa Catarina
- O artista e as redes sociais - Maio 2017 - Palmas - Tocantins
- Autonomia da Imagem - Maio 2017 - Joinville - Santa Catarina
- Arte e Tecnologias Acessíveis - Agosto 2016 - Cuiabá - Mato Grosso
- Mediação/Participação na disciplina Poéticas digitais nos anos de 2013 a 2015 na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESCO - Criciúma - Santa Catarina

Sumário

Os alquimistas estão chegando	4
O que nos move	5
Parasite Vírus	9
X-plorer	12
Máquina Sensível	16
Equalizador de Chakras	20
Inserção de máquinas utópicas em paisagens ficcionais para criação de novos horizontes	22
Planta Robô	26
Estudos para entropia ou mutualismo	30
Quanto mais perto, menos provavel	32
Dois querer	34
Quanto tempo você tem? Quanto tempo o tempo tem?	37

Para acessar as outras obras do artista acesse www.jonas.art.br

Os alquimistas estão chegando

Pense num alquimista subitamente catapultado para dentro das engrenagens do século 21. Para além da tecnologia de ponta, cada vez mais próxima, percorrendo nossas mãos e cabeças e casas e ruas, o alquimista se depararia também com uma série de apetrechos e maquinarias miúdas. Dissecaria pobres florzinhas de plástico para entender porque elas não param de dançar para lá e para cá. Surpreenderia-se com o fato de que certas superfícies escuras (“são fotossensíveis”, diríamos-lhe) podem fazer com que uma fonte de luz, em tese, jamais se esgote.

Há alguma coisa nas obras de Jonas Esteves que é reminiscência dessas práticas antigas, desses saberes que se guiam por uma mirada carregada de curiosidade para com as coisas do mundo. Os alquimistas, com a ascensão do cientificismo e dos valores iluministas, foram escanteados no nosso imaginário como caricaturas informes dos verdadeiros cientistas. Mas permaneceram também como representantes de um saber alheio ao rigor tecnocrata que, muitas vezes, guia a ciência moderna.

Em um dos seus trabalhos mais recentes, Jonas Esteves constrói uma interlocução entre um saber emprestado de práticas antigas hinduístas e experimentos botânicos. Em *O que nos move, sete cores, sete mantras sete brotos de feijão em sete vidros* (e um emaranhado de fios elétricos) formam uma meia lua no chão. Cada vaso com terra recebia, em intervalos regulares, emissões de luz e som relacionadas a sete chacras diferentes. A ideia era saber até que ponto as plantas regiam às diferentes energias que recebiam. A galeria se tornava, assim, uma espécie de laboratório extra-científico, onde o artista-alquimista auferia dados e testava hipóteses.

Os resultados, colhidos ao fim da exposição, são bem interessantes. Segundo o artista, “uma coisa que a gente pode ver é do primeiro e do sétimo chakra. No primeiro chakra, mais ligado à raiz, a planta desenvolveu raízes profundas. Demorou um pouco mais para crescer se comparada com as outras, porém ela cresceu forte e bem ‘ereta’. Agora o chakra da coroa, o sétimo chakra, ele cresceu e, ao final dos 15 dias, ela era uma planta que realmente tinha uma ‘coroa’ ela se abria mais que as demais.”

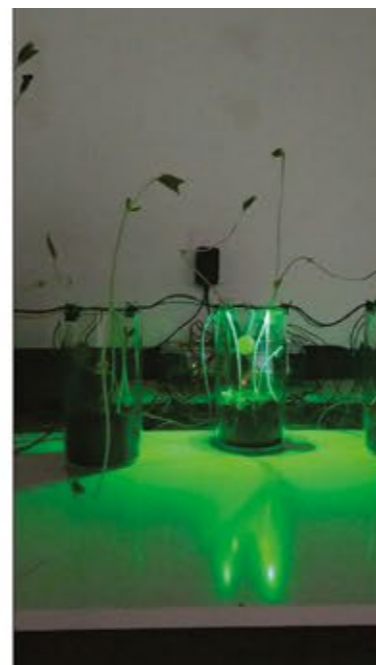
Queria concluir revirando um verbo já velho do nosso léxico, mas que define bem a prática artística de Jonas Esteves. Escarafunchar. No dicionário, o primeiro sentido é de “investigar ou examinar de forma minuciosa e persistente”. O segundo é de “remexer, em geral, à procura de alguma coisa”. Jonas escarafuncha as coisas do mundo. Desde jovens feijões iluminados por energias antigas até os maquinários que povoam nosso cotidiano. Os alquimistas já chegaram.

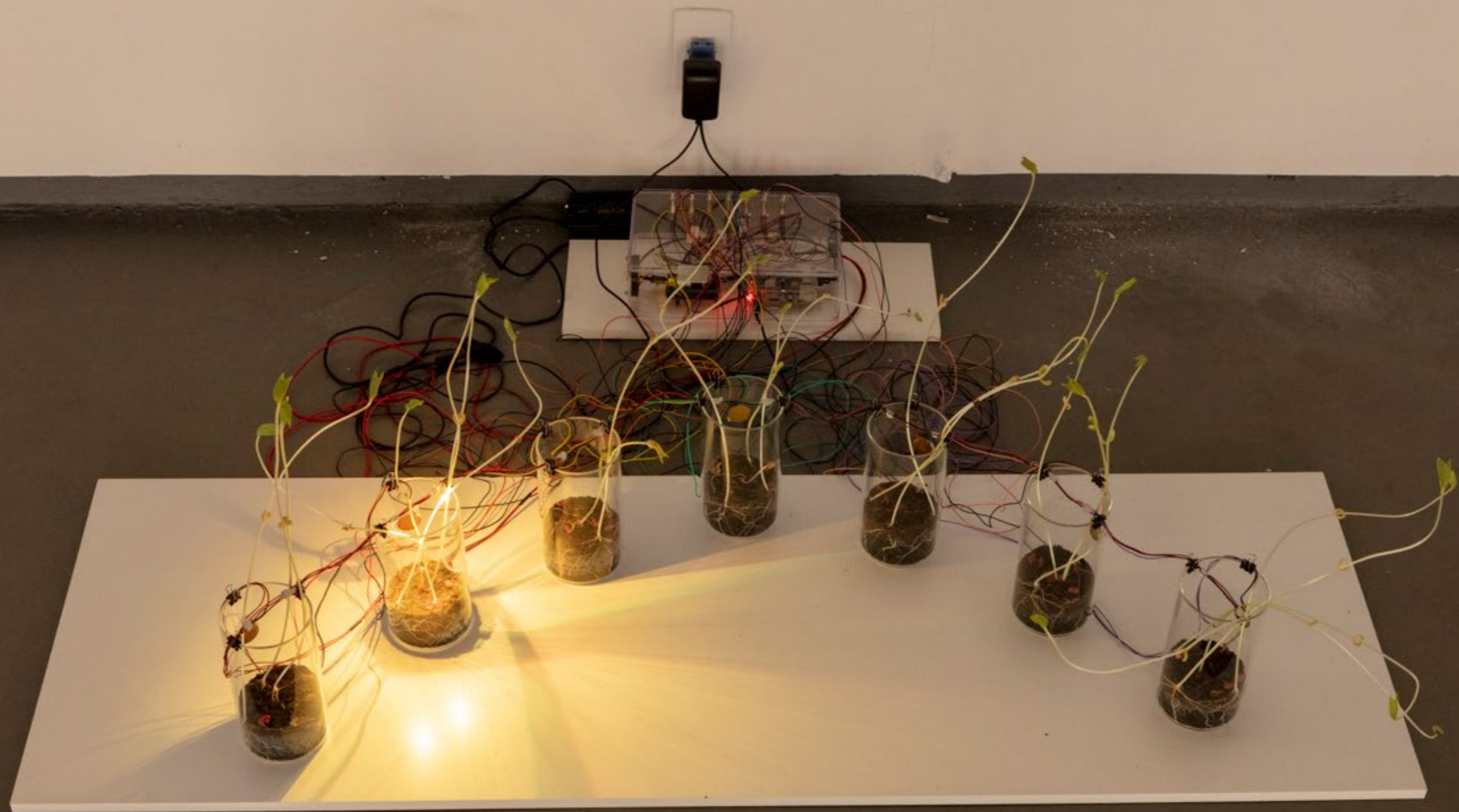
Nathan Gomes

O que nos move

A partir da luz e do som relacionados aos chakras do corpo que usamos habitualmente em processos de meditação e equilíbrio, a obra *O que nos move* busca observar como essas frequências de chakras podem influenciar o germinar e o crescimento de plantas. Nessa experiência são utilizados sementes de feijão que são distribuídas em 7 vasos, cada vaso tem uma cor e uma frequência sonora específica relacionada um chakra e são emitidas em um ciclo começando do chakra da raiz (primeiro chakra) até o chakra coronário (sétimo chakra).

A primeira experiência da obra *O que nos move* em um espaço expositivo durou 15 dias de janeiro de 2020 no Parque Lage na exposição *Estopim e Segredo Corte 3*, uma exposição de fim de curso dos alunos do curso formação e deformação do Parque Lage. Nessa experiência ficou evidente como o ambiente em que a planta germina modifica o seu crescimento. Cada planta apresentou especificidades no crescimento, uma diferença visível de um vaso para outro com o decorrer dos dias.

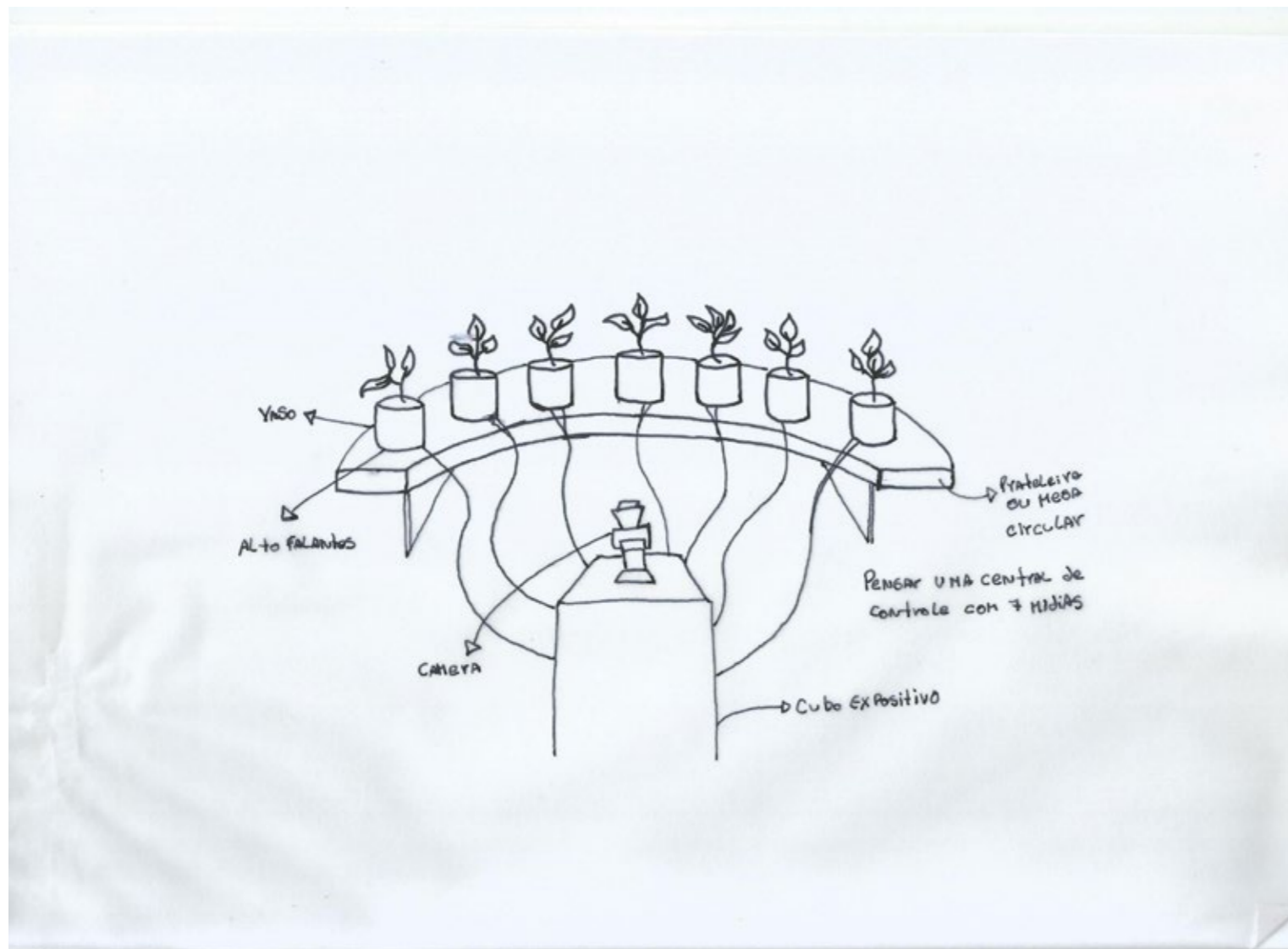




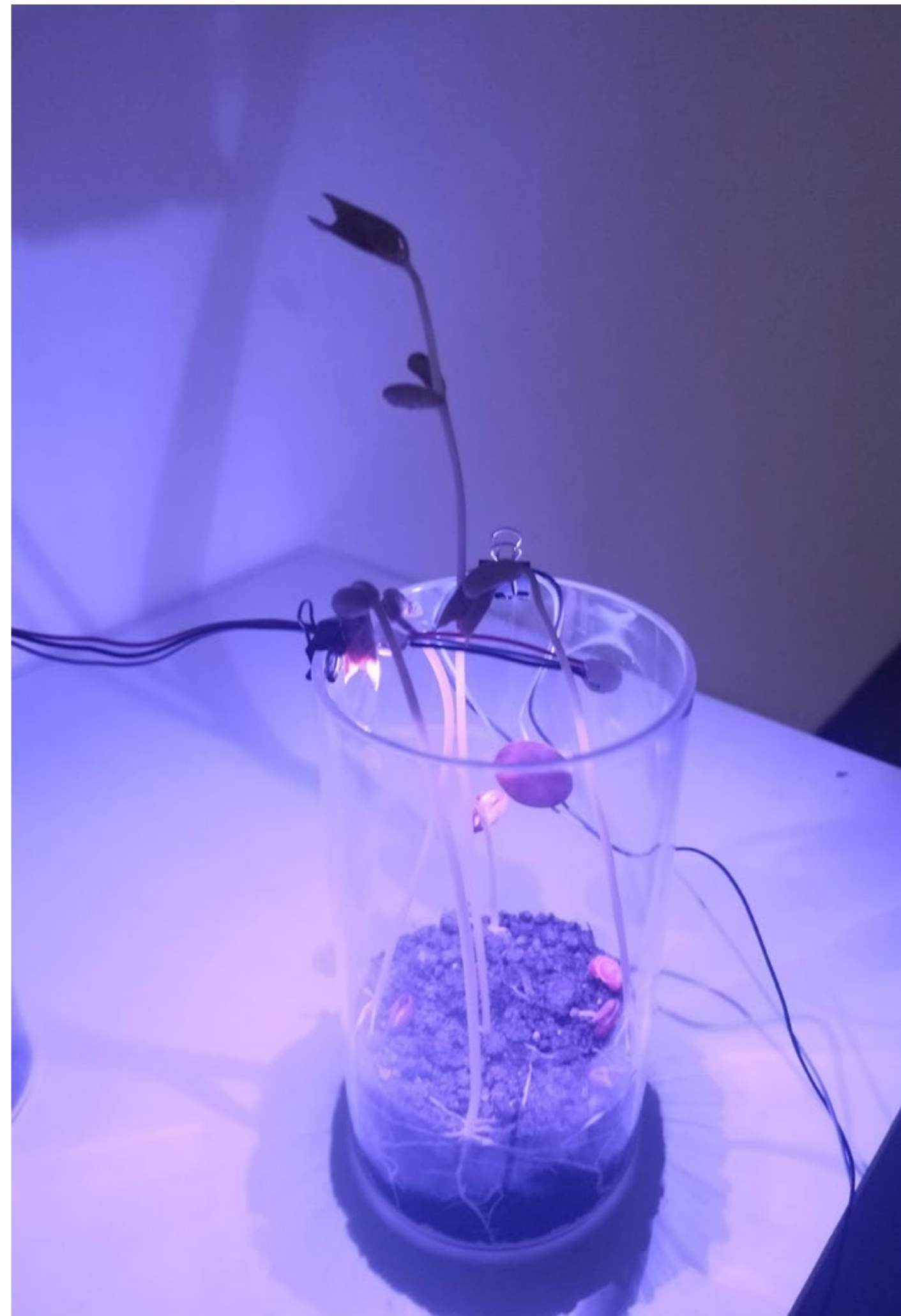
O que nos Move, 2020
Vasos, feijões, circuitos eletrônicos, frequências luminosas
e sonoras relacionadas aos chakras do corpo humano.
1,50 x 1m



A obra O que nos move vem refletir um pouco como somos afetados por estímulos externos. Quando buscamos entrar em equilíbrio através de meditação, os chakras nos guiam, procuramos sobre como equilibrar cada chakra do nosso corpo, seja por som processos meditativos a fim de entrarmos em uma harmonia. Em O que nos move a ideia é expor sementes de feijão a frequências sonoras e luminosas de chakras que são ligados ao nosso corpo, essa experiência vem dar visualidade a como somos influenciados ao meio em que vivemos e como o ambiente externo pode ser sim um modificador do nosso bem estar. Nessa experiência que se utiliza de ciência e práticas de meditação podemos observar através de 7 vasos, cada um desses vasos recebe tanto luz quanto frequência sonoras relacionadas aos chakras do corpo humano.



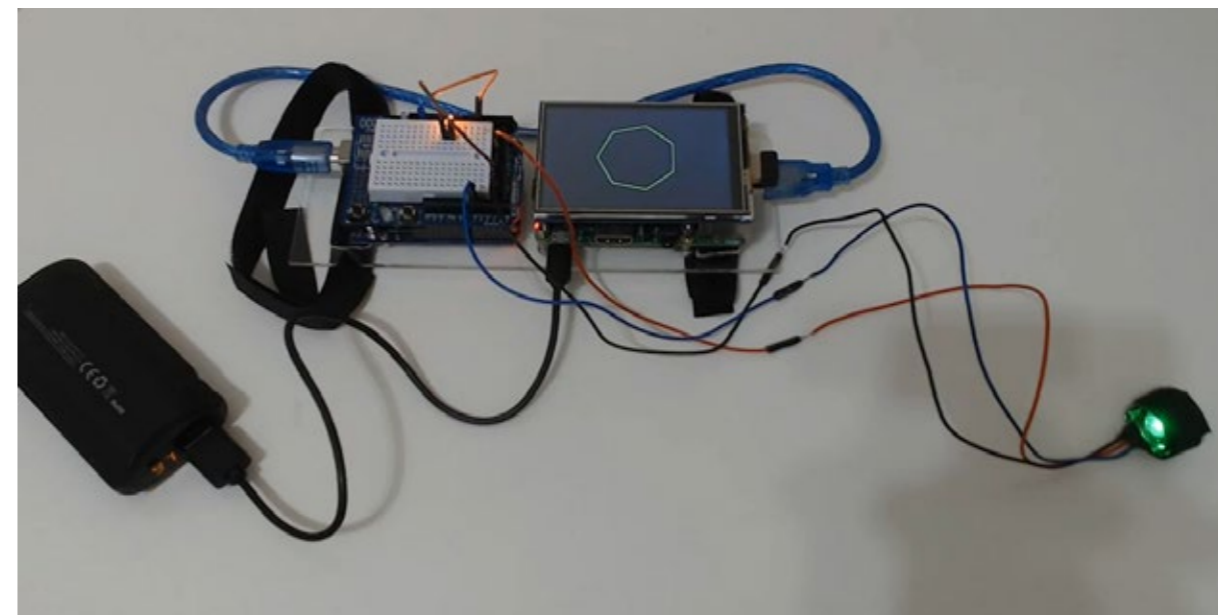
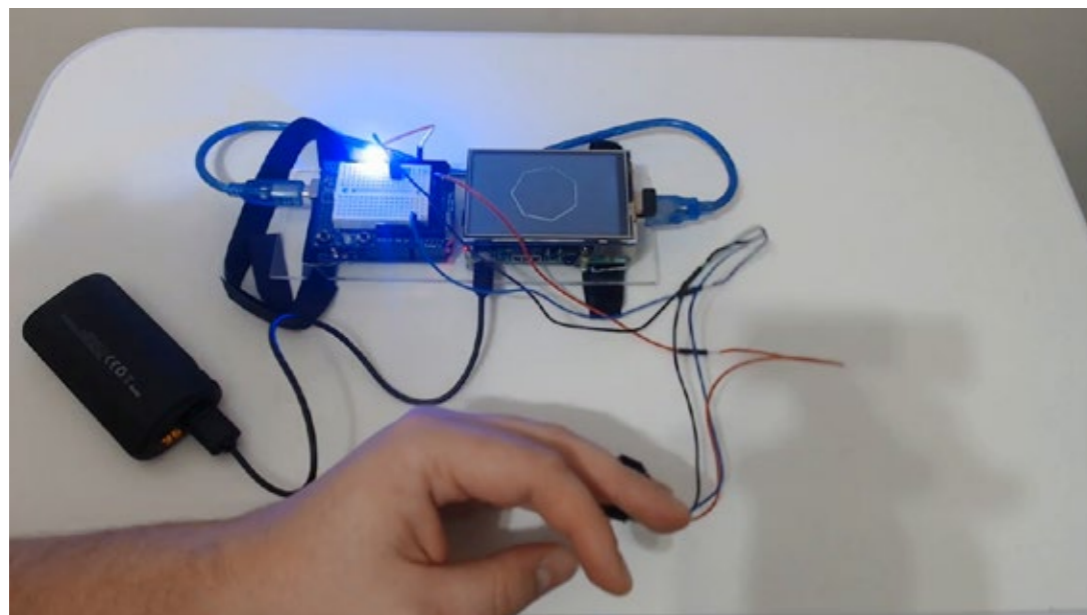
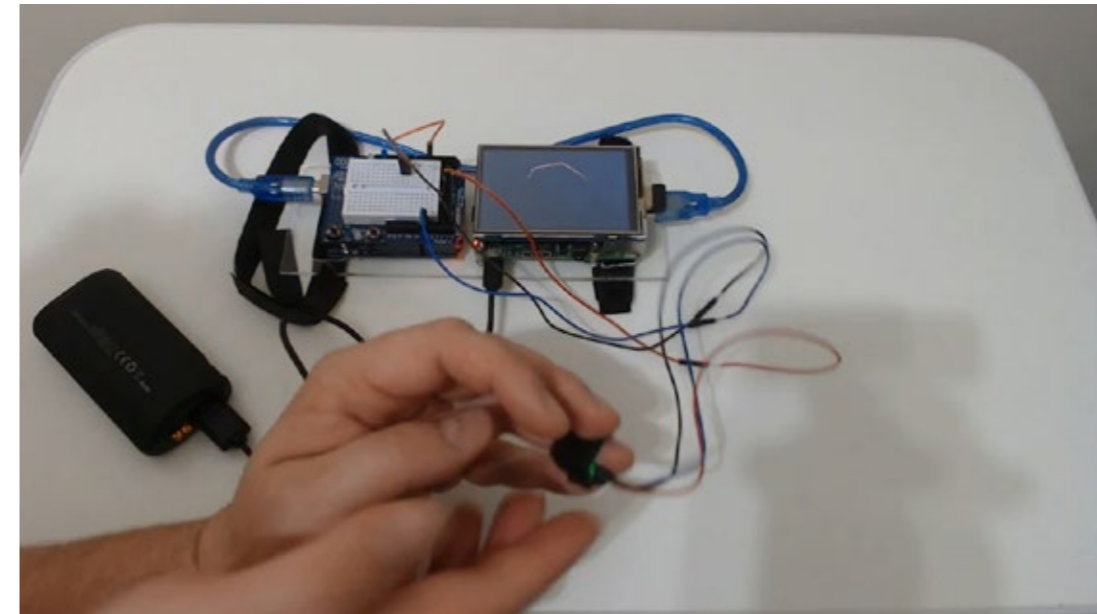
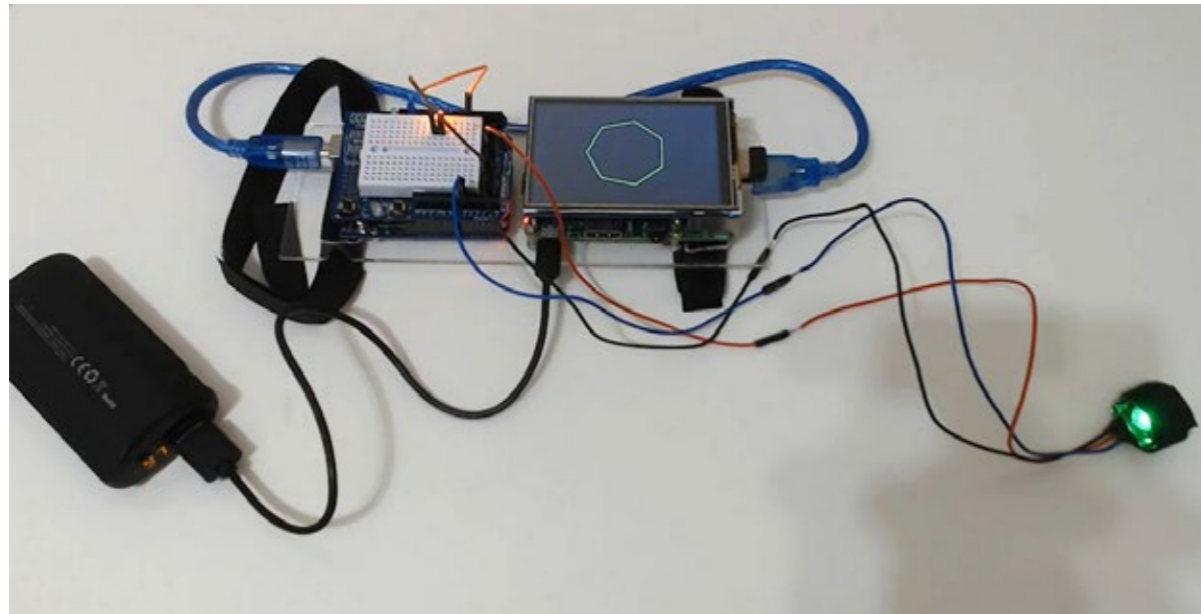
O que nos Move, 2019
Esboço de projeto

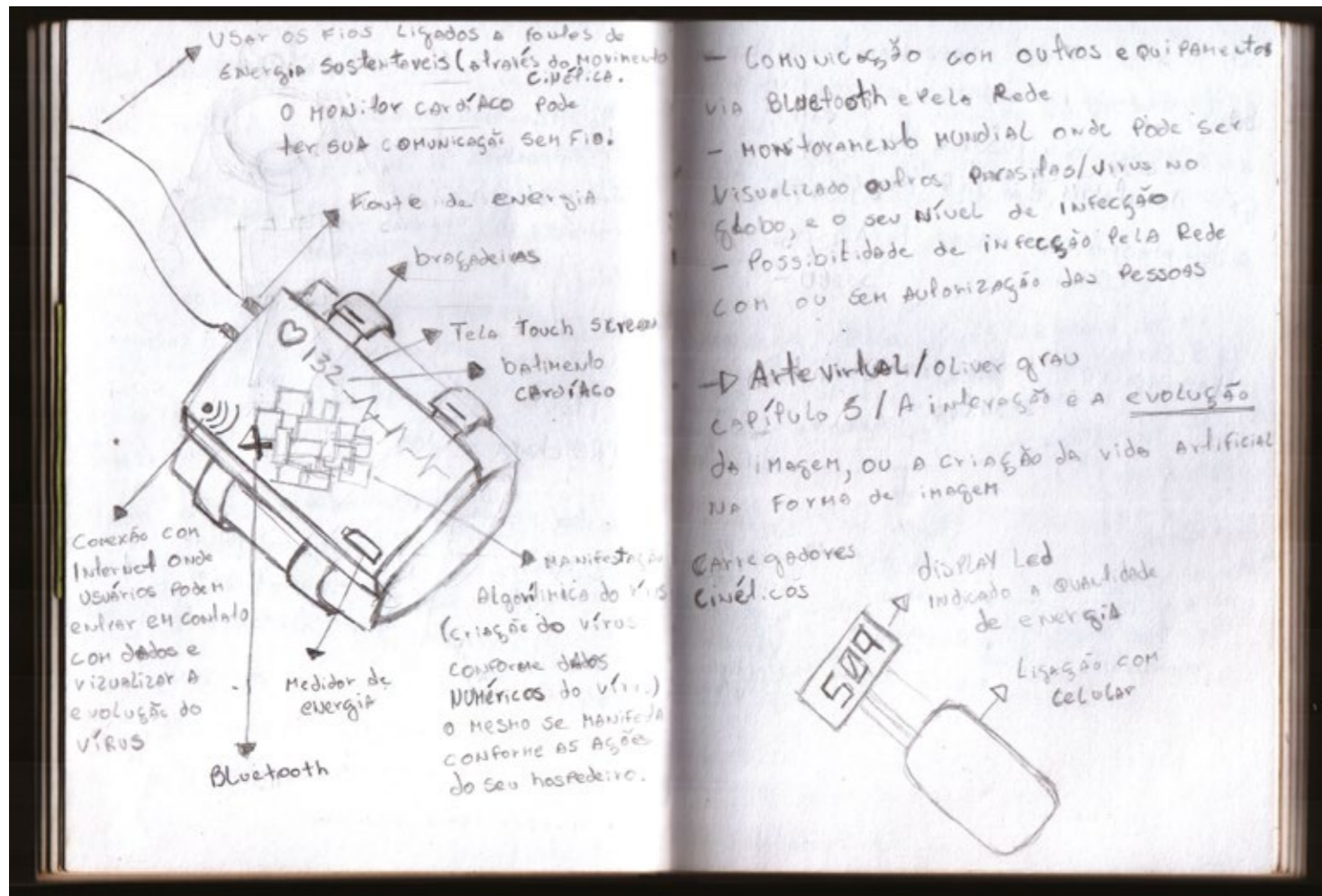


Parasite Vírus

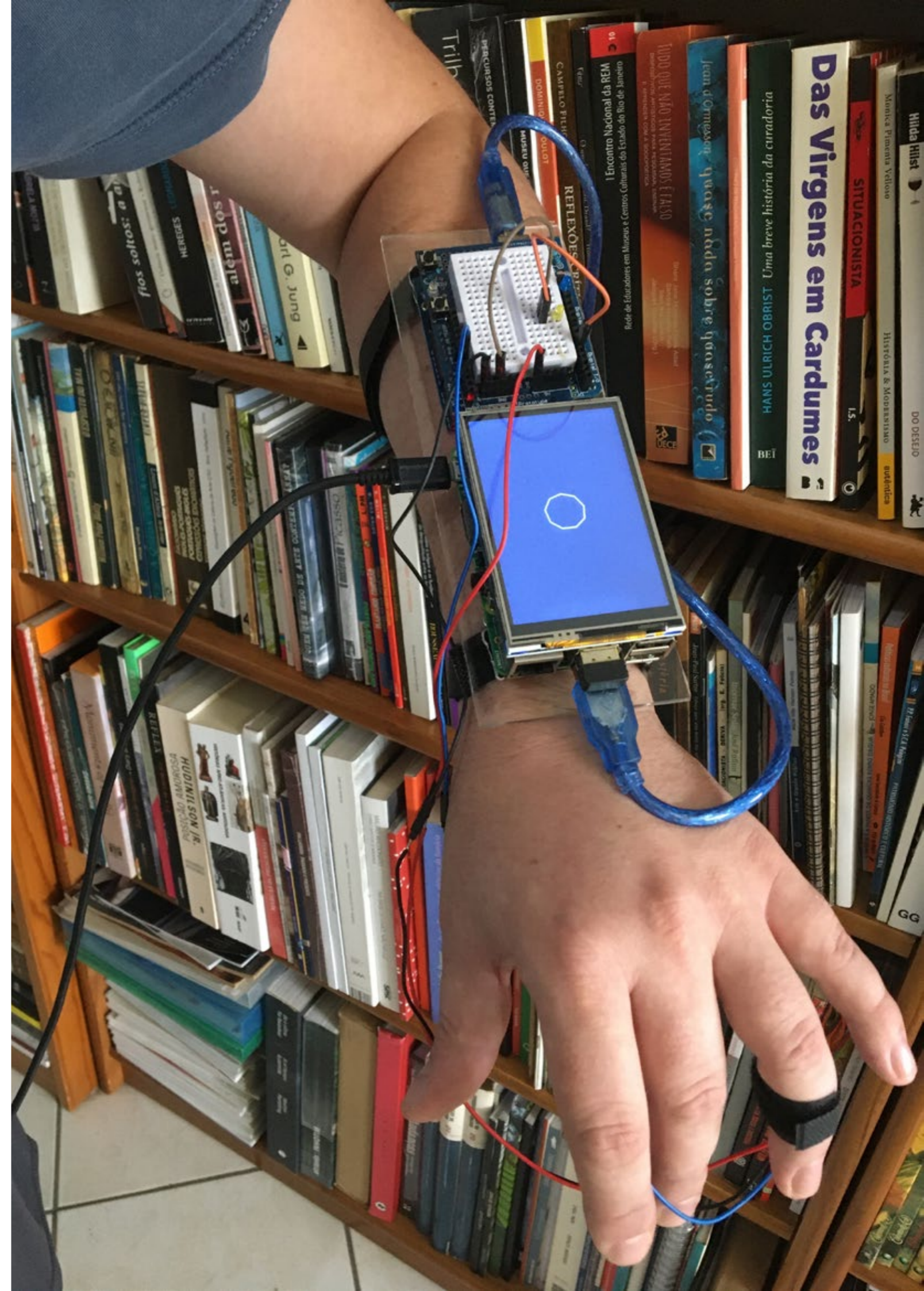
A obra consistia em uma prótese que seria acoplada ao braço de um hospedeiro, no caso um usuário que poderia ser um performer, artista ou o público interessado na proposição. A ideia era criar um vírus fictício que se alimentasse e se desenvolvesse com base nos dados do hospedeiro como batimento cardíaco, temperatura e o número de “curtir” de uma rede social. O batimento cardíaco seria responsável pela sua vivência, o ato de curtir seria responsável pelo tamanho, cada curtida da rede social seria um novo vértice nesse vírus fictício e a temperatura seria responsável pela cor. Em 2012 apresentei Parasite Virus como se fosse um projeto de laboratório, algo a ser executado em breve.

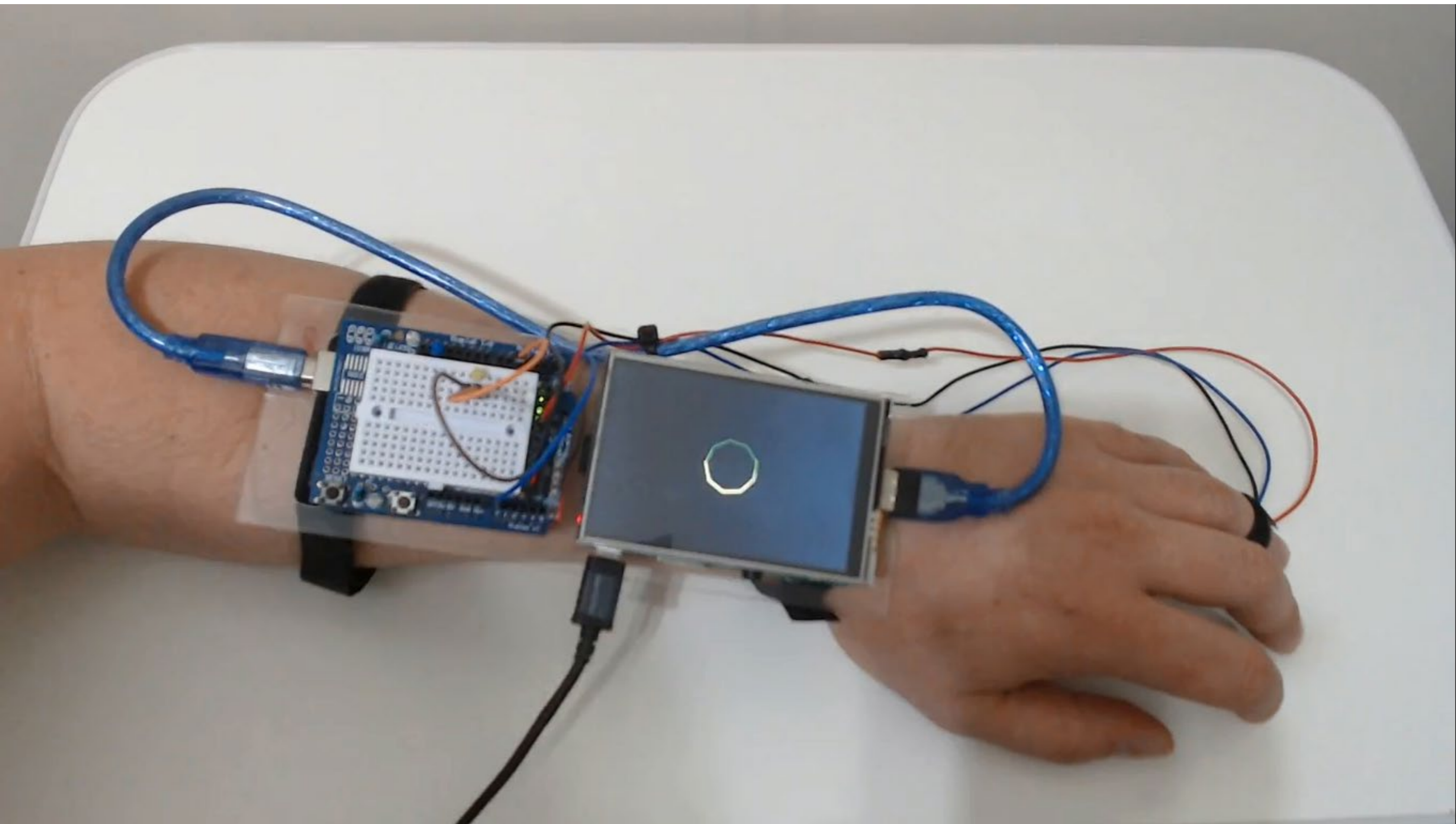
Em 2019 com o conhecimento que adquiri nos últimos anos e pelo meu interesse em dar continuidade no processo dei início ao desenvolvimento da obra. Muita coisa mudou de 2011 para 2019, por mais que pareça um curto espaço de tempo os dispositivos se tornaram mais acessíveis assim como o compartilhamento de informação, blogs, sites e vídeos ensinando sobre programação e eletrônica funcionando como facilitador para artistas e demais interessados no assunto. A obra que se encontra em processo já pode ser acoplada ao braço e através do batimento cardíaco é possível visualizar essa primeira interação entre a obra e o hospedeiro, um primeiro passo pensando no desenvolvimento desse vírus fictício.





Parasite Vírus, 2011
desenho em sketchbook





Parasite Vírus 2011, 2019
Acrílico, velcro, arduino, raspberrry, sensor de batimento cardíaco e
programação em processing

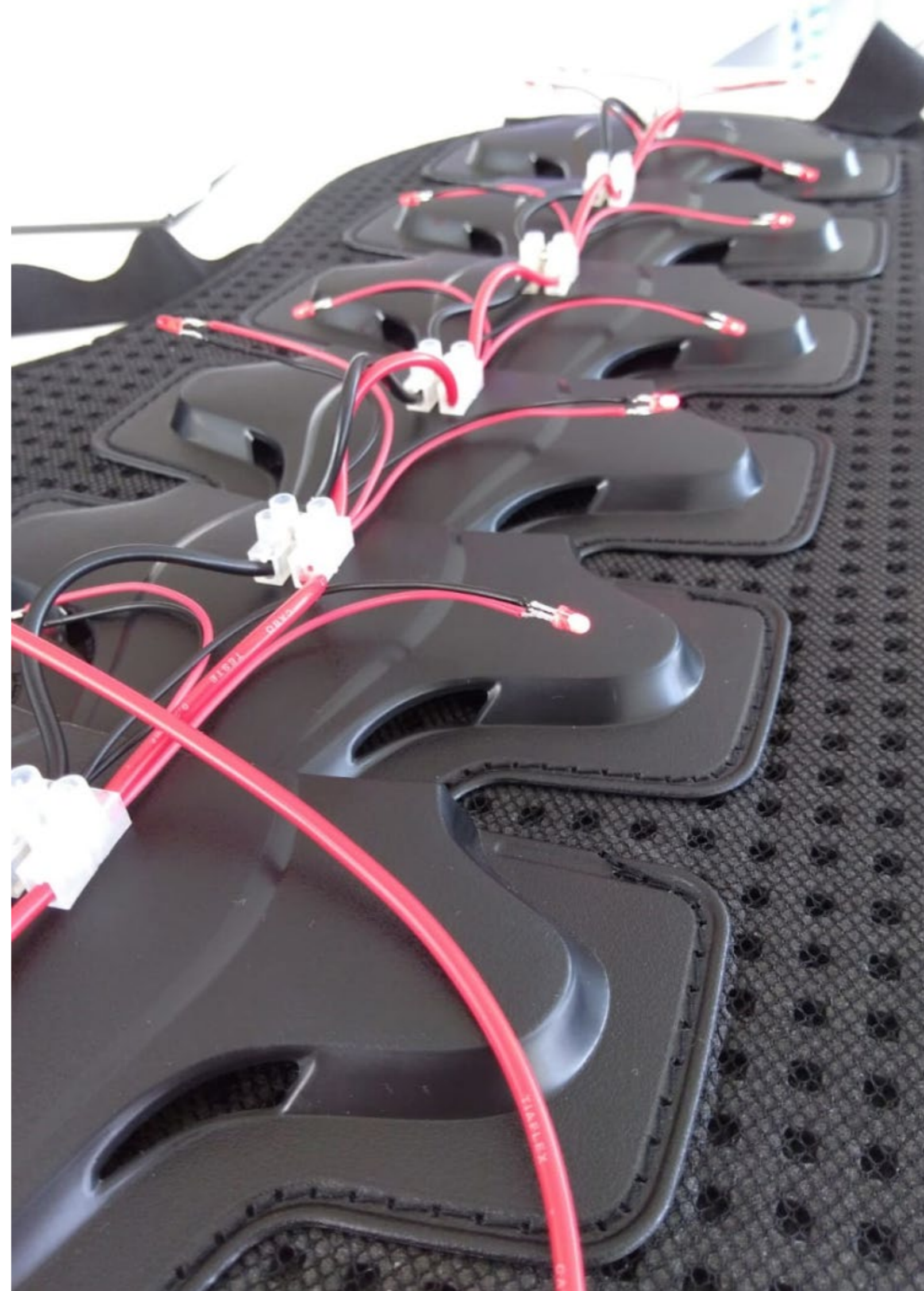
X-plorer

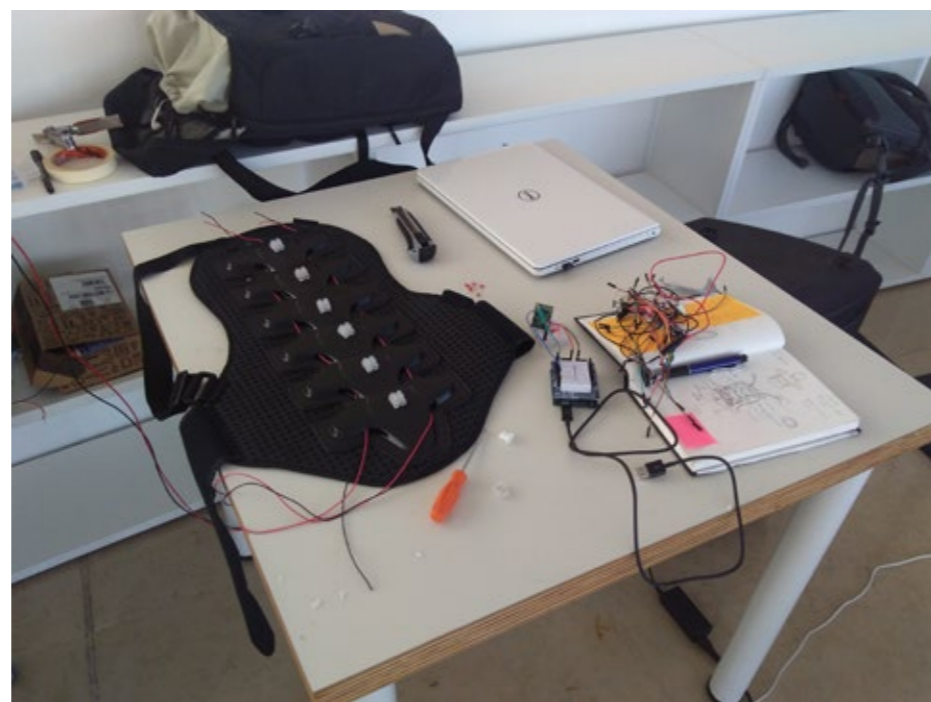
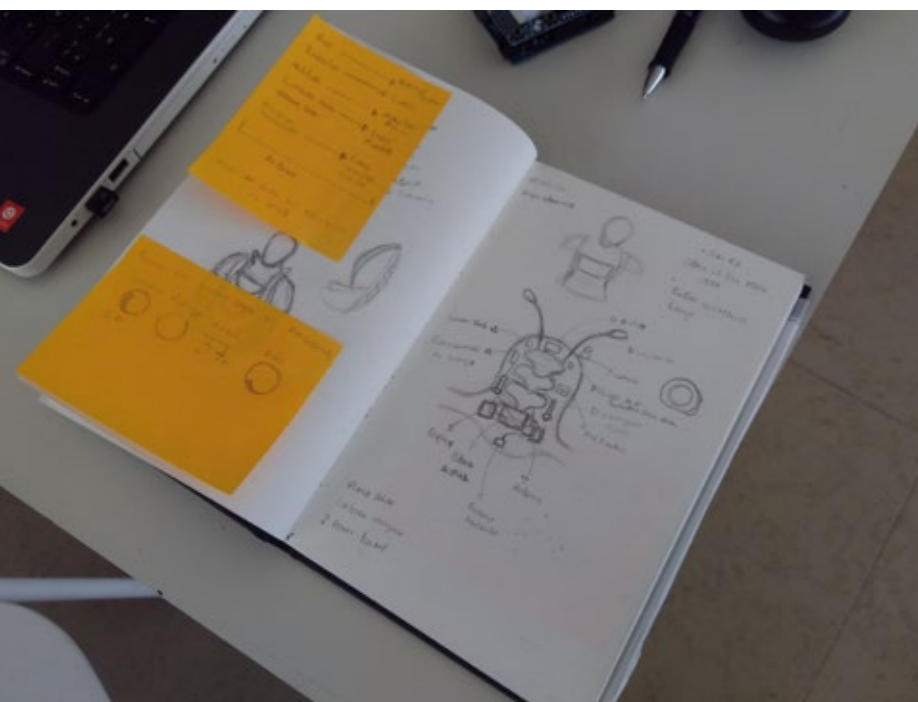
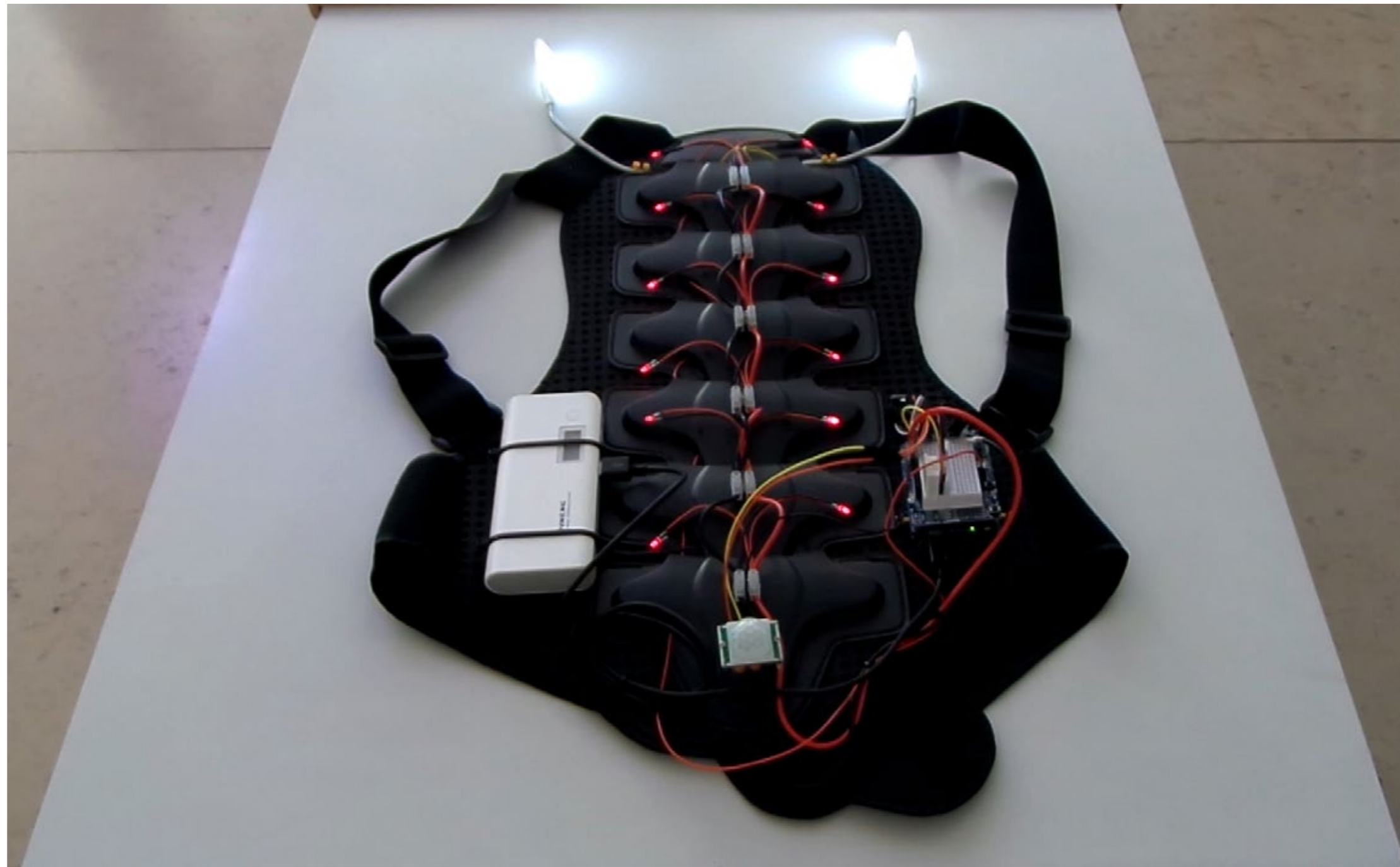
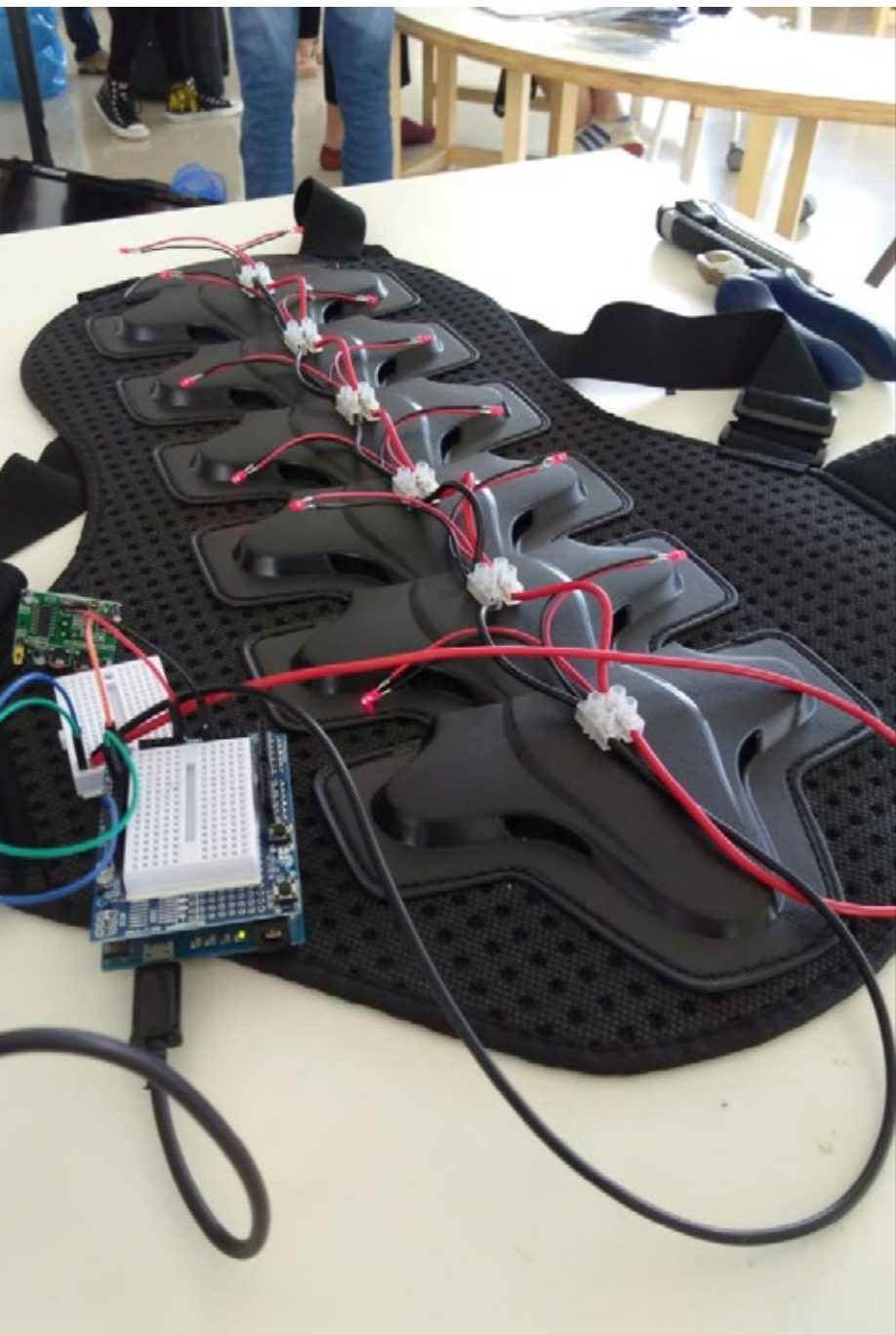
Assim como os antigos viajantes os exploradores contemporâneos se utilizam de técnicas e aparatos afim de descobrir e desbravar horizontes. Esses pesquisadores devem estar aptos para as adversidades que poderão encontrar, como mudança de temperatura, terremotos, enchentes, chuvas torrenciais, fenômenos esses que estão se tornando cada vez mais imprevisíveis. Além disso devem estar preparados para superar obstáculos em qualquer tipo de território ou ambiente, nesse planeta ou até mesmo fora da Terra. Desse modo, a ampliação dos sentidos de percepção do ambiente poderá auxiliá-los a enfrentar o que está por vir.

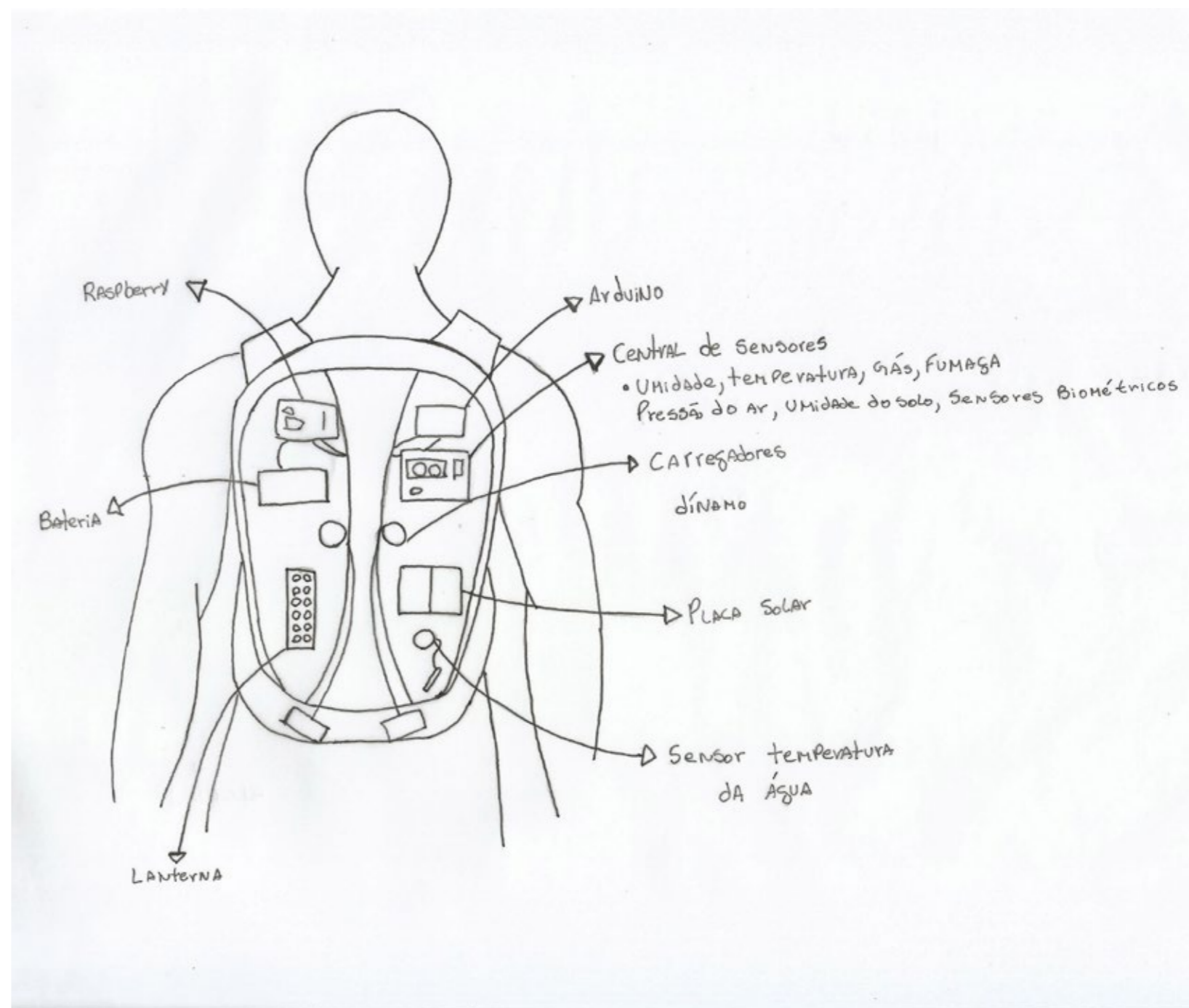
Dentre os acessórios básicos e imprescindíveis para todo viajante a mochila é um dos mais importantes, pois é onde o explorador carrega equipamentos, utensílios e mantimentos necessários à sua sobrevivência. Outro item é o bastão ou cajado que dá apoio nas caminhadas. Considerando que a humanidade desenvolve ferramentas que auxiliam na realização de inúmeras e diferentes atividades e que praticamente todos esses mecanismos passam por alguma alteração evolutiva ao longo de seu uso, proponho a hibridização desses dois objetos, para além das suas usuais funcionalidades.

Vídeo registro: <https://youtu.be/z3qxTJgkIV4>

Atualmente a X-plorer é meu objeto de pesquisa no mestrado em Poéticas Interdisciplinares na escola de Belas Artes na UFRJ, Rio de Janeiro.







X-plorer, 2018
desenho em sketchbook

X-Plorer foi uma proposta elaborada a convite do Núcleo de artes e novos organismos - NANO para o evento hiperorgânicos 8 que aconteceu em maio de 2018 no Museu de Astronomia e Observatório Nacional (MAST) e no Museu do Amanhã. A proposta foi executada no Laboratório Aberto no Museu do Amanhã.

Vídeo registro: <https://youtu.be/z3qxTJgkIV4>



MÁQUINA SENSÍVEL

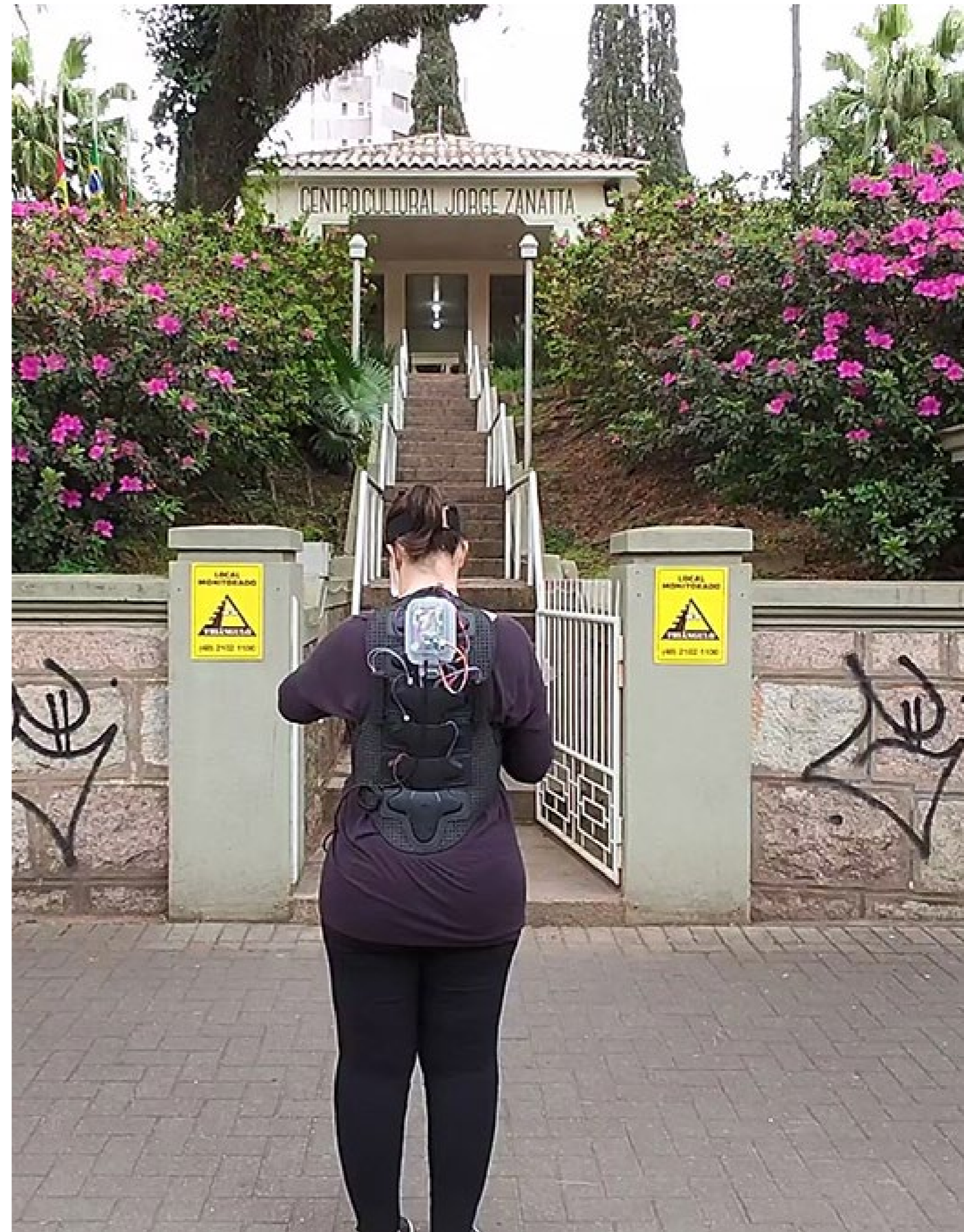
MÁQUINA SENSÍVEL É UM PROJETO DO ARTISTA JONAS ESTEVES
QUE BUSCA OUTROS MEIOS DE FRUIÇÃO DA TECNOLOGIA.
ESPECULANDO SOBRE MÁQUINAS SENSÍVEIS E AFETIVAS.

Máquina Sensível

O projeto consiste em um conjunto de trabalhos que dialogam entre corpo, dispositivos vestíveis (wearables) e paisagens afetivas. Essa construção nasce do meu processo de mestrado onde pesquiso outras formas de percepção na natureza através da mediação por dispositivos acoplados ao corpo.

A partir da investigação de dispositivos na minha produção começo a aproximar a *X-plorer + Parasite Vírus*, a partir da associação dessas duas obras inicio experiências em locais e paisagens afetivas. As primeiras ativações foram executadas pela artista Daniele Zacarão no Centro Cultural Jorge Zanatta e no Parque Natural Municipal Morro do Céu, ambos situados em Criciúma, Santa Catarina. Em breve outras ativações serão feitas com a participação de outros artistas e interessados nessa experiência.

Toda essa experiência proporcionada pela artista convidada para essa primeira ativação era reverberada na internet e em um dispositivo remoto que leva o nome de Companion. Na internet era possível acompanhar a captura de dados ao vivo. A intenção é que em breve a experiência possa ser compartilhada entre outros participantes através de convites para essa experiência.





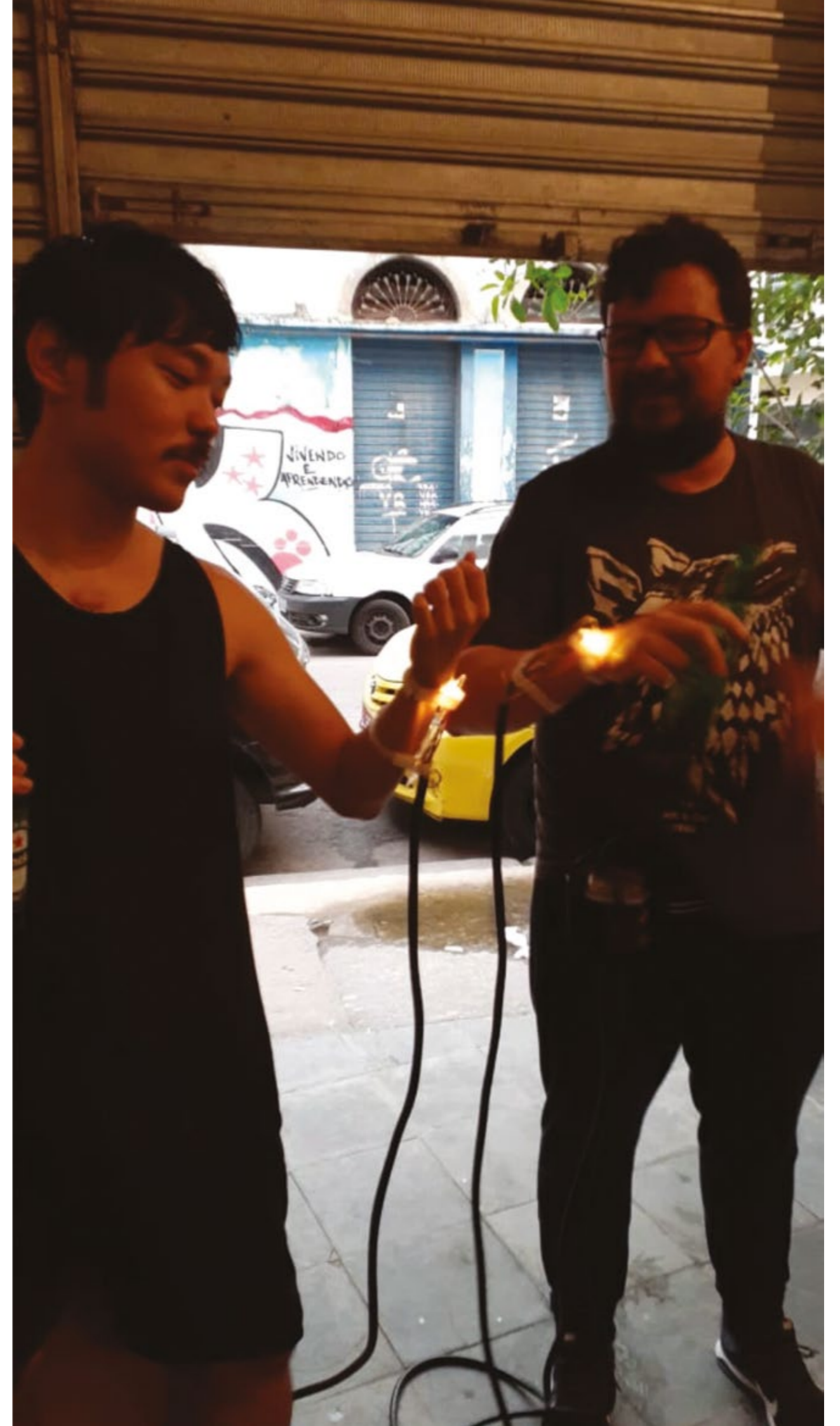
Máquina Sensível - Ativação das obras X-plorer + Parasite Vírus em locais afetivos
Ativação da artista Daniele Zacarão no Centro Cultural Jorge Zanatta, Criciúma -SC
4 de setembro de 2021

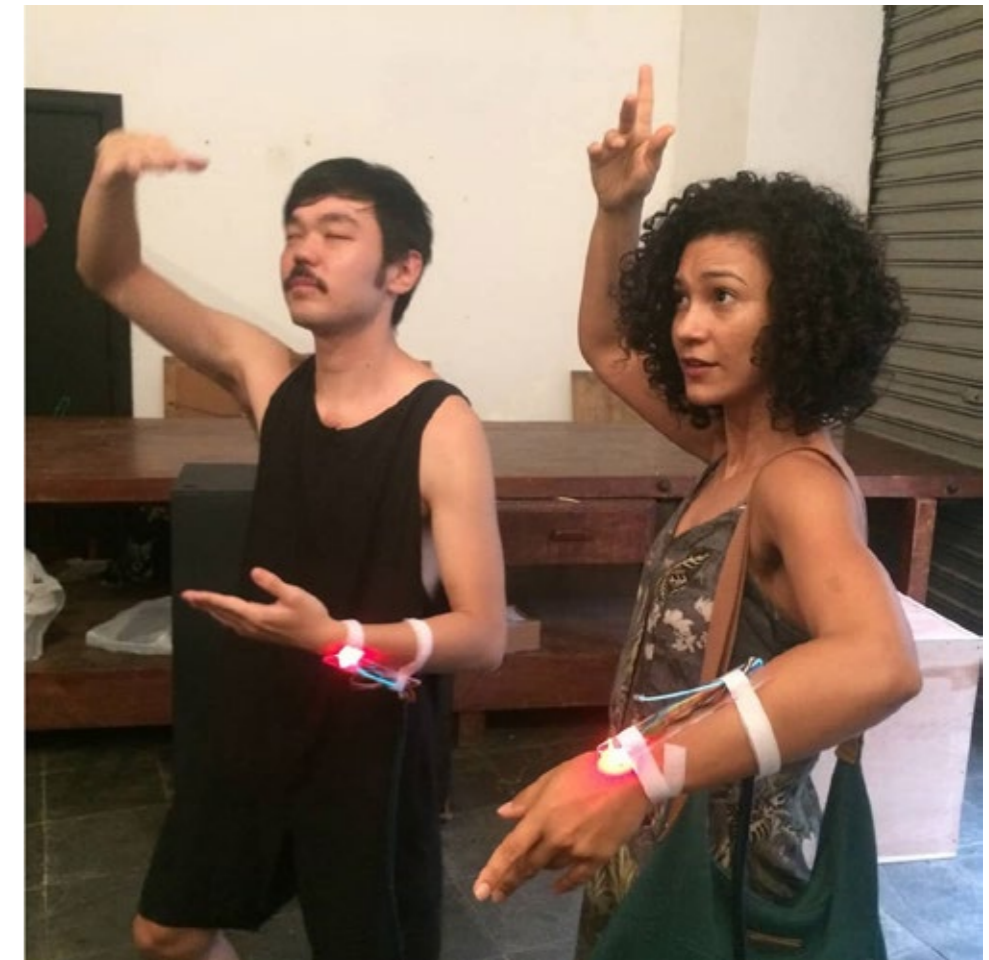
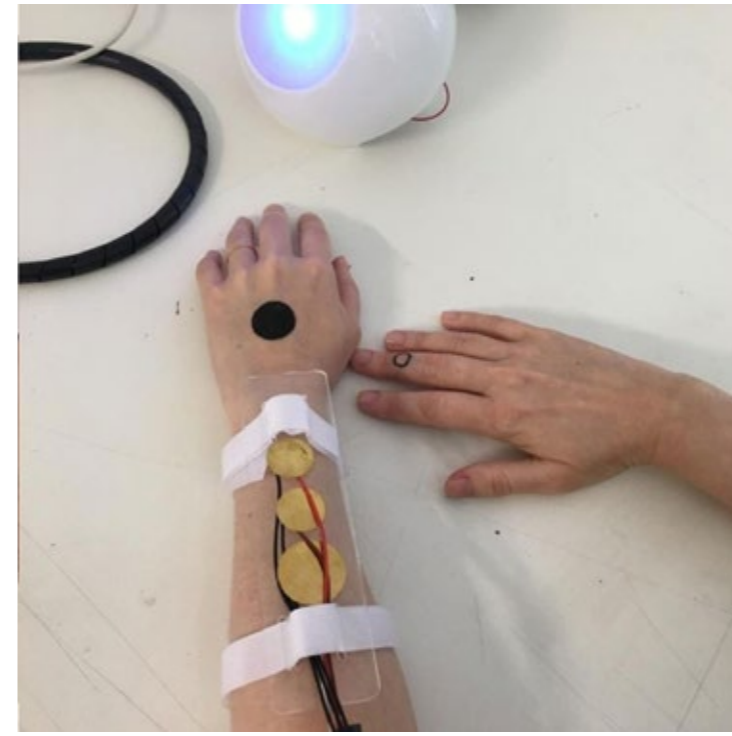


Máquina Sensível - Ativação das obras X-plorer + Parasite Vírus em locais afetivos
Ativação da artista Daniele Zacarão no Parque Natural Municipal Morro do Céu, Criciúma -SC
4 de setembro de 2021

Equalizador de Chakras

Em 2019 foi desenvolvida a obra Equalizador de Chakras, ainda que um processo experimental com esse elemento que é presente em processos meditativos, o chakra se tornou um elemento imaterial presente em alguns dos meus processos. A obra consistia em dois dispositivos, dois braceletes que emitem som e luz, ambos ligados a uma central. De alguma forma queria possibilitar a troca entre duas ou mais pessoas com base no batimento cardíaco, na ocasião o batimento cardíaco do artista refletiria no ritmo, na duração da frequência que seria emitida aos participantes da obra através dos braceletes.





Equalizador de Chakras, 2018
Arduino, piezo, acrílico e fios

Inserção de máquinas utópicas em paisagens fictícias para criação de novos horizontes



A partir da apropriação de naturezas anunciadas em revistas da Gool (linhas aéreas), me aproprio dessas paisagens e insiro desenhos pensando em futuros possíveis mediados por máquinas.



Jonas Esteves
Nymphaeaceae
Série Inserção de máquinas
utópicas em paisagens fictícias
para criação de novos horizontes
2019
Apropriação de imagens da revista
GOL (linhas aéreas GOL),
sobreposição de transparência
(Lâmina de transparência de
retroprojektor) com desenho sobre
imagem
Curso Prática do Artista: Fios para Labirintos

Nymphaeaceae, 2020
Série Inserção de máquinas utópicas em paisagens fictícias para criação de novos horizontes
Apropriação de imagens da revista GOL (linhas aéreas GOL), sobreposição de transparência
(Lamina de transparência de retroprojektor) com desenho sobre imagem.
45 x 33 cm



Testudinata, 2019
Série Inserção de máquinas utópicas em paisagens fictícias para criação de novos horizontes
Apropriação de imagens da revista GOL (linhas aéreas GOL), sobreposição de transparência (Lamina de transparência de retroprojeter) com desenho sobre imagem.
24 x 33 cm

Jonas Esteves
Testudinata
Série Inserção de máquinas utópicas em paisagens fictícias para criação de novos horizontes
2019

Apropriação de imagens da revista GOL (linhas aéreas GOL), sobreposição de transparência (Lamina de transparência de retroprojeter) com desenho sobre imagem

Curso Prática do Artista: Fios para Labirintos.

GOL (linhas aéreas)
sobreposição de transparência
(Lâmina de transparência de
retroprojeter) com desenho sobre
imagem
Curso Prática do Artista: Fios para Labirintos



Jonas Esteves
Artrópodes
Série Inserção de máquinas
utópicas em paisagens ficcionais
para criação de novos horizontes
Cefalópode
2019
Apropriação de imagens da revista
GOL (linhas aéreas GOL),
sobreposição de transparência
(Lâmina de transparência de
retroprojeter) com desenho sobre
imagem
Curso Prática do Artista: Fios para Labirintos

Artrópodes, 2019
Série Inserção de máquinas utópicas em paisagens ficcionais para criação de novos horizontes
Apropriação de imagens da revista GOL (linhas aéreas GOL), sobreposição de transparência
(Lamina de transparência de retroprojeter) com desenho sobre imagem.
45 x 33 cm

Planta Robô

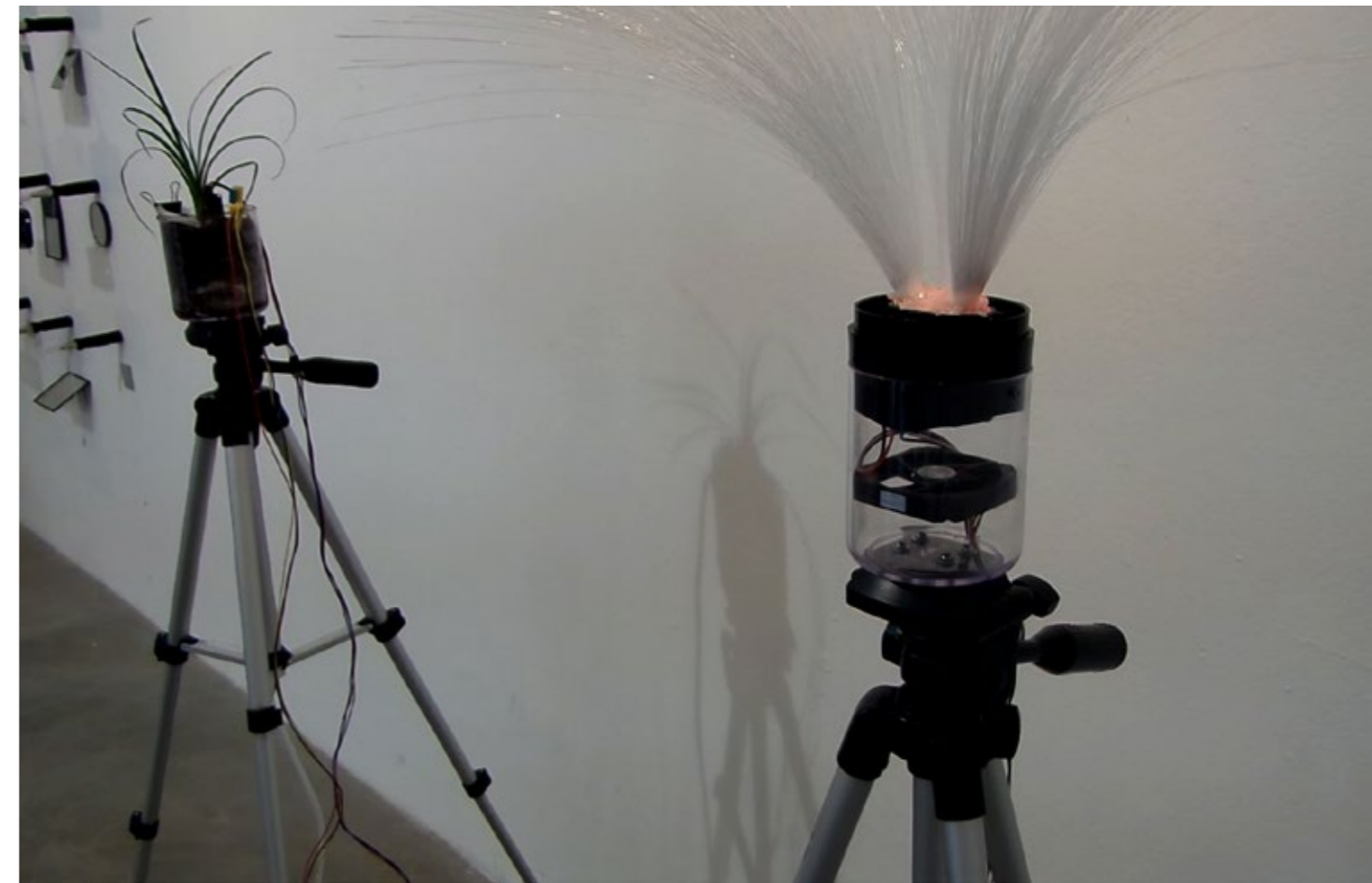
Em 2018 a obra fez parte da coletiva Entre o v~ao e a plataforma com curadoria de Osvaldo Carvalho no Galeria de Arte Solar na Solar Meninos de Luz no Rio de Janeiro.

Nessa obra-processo a rela~ao entre um rob~o e uma planta promove uma experi~encia em biofeedback, criando um organismo h~ibrido.

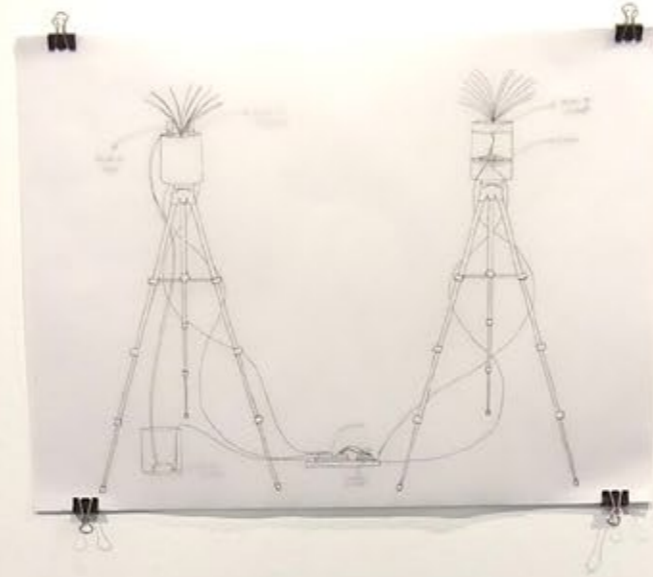
A interdepend~encia se d~a por um sistema informatizado que supre necessidades vitais da planta com mensura~ao de temperatura e fornecimento de ~agua, por outro lado o rob~o se utiliza dos est~imos ambientais e apresenta comportamentos distintos a cada aferi~ao.

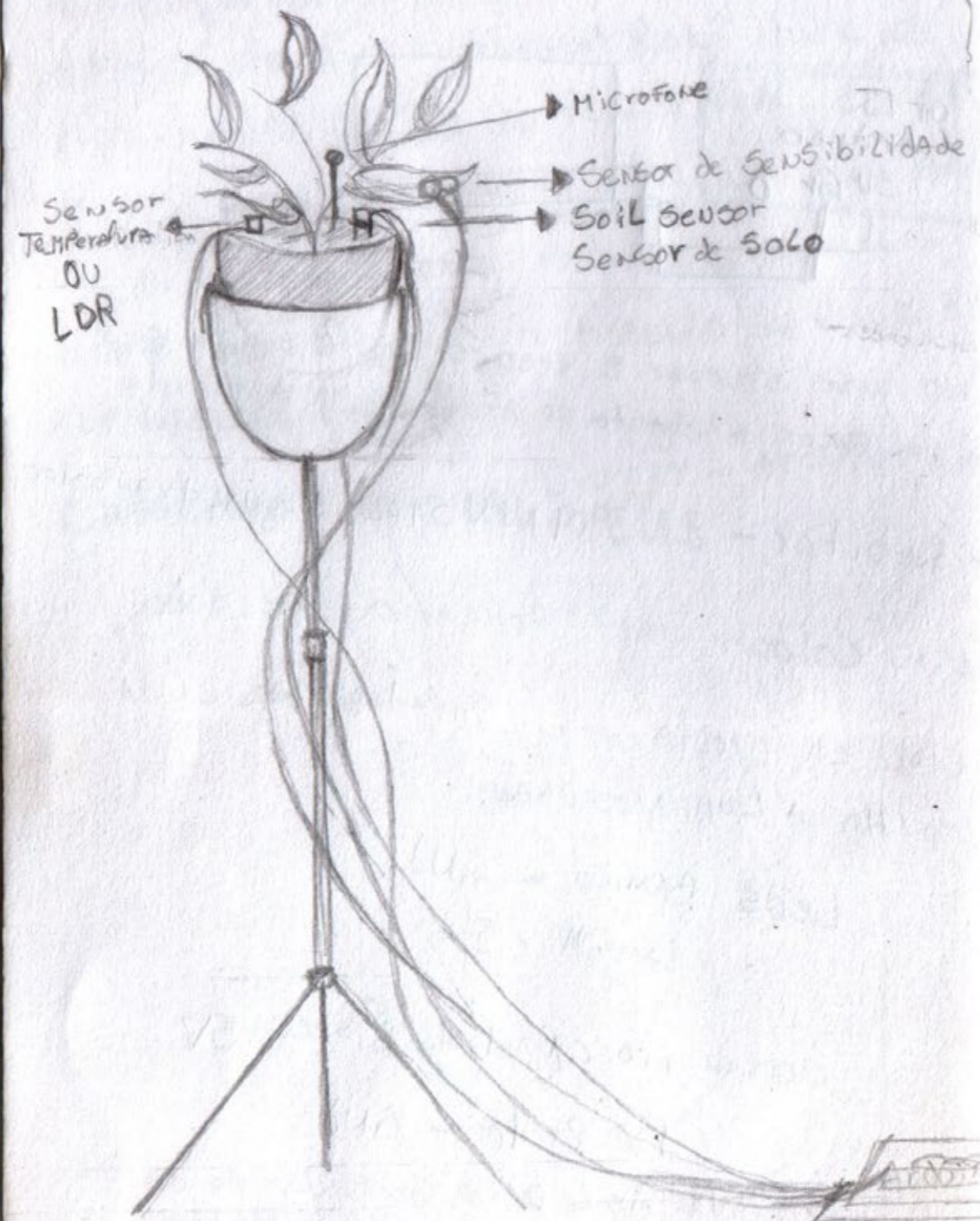
Essa obra teve sua primeira vers~ao apresentada em 2011 na exposi~ao Pretexto Arte Contempor~anea com curadoria de Josu~e Mattos na Galeria de Arte Oct~avia Gaidzinski em Crici~uma, Santa Catarina, 2011.

V~ideo registro: <https://youtu.be/0Y0uBOFc5n4>



Planta Robô, 2011 - 2018
Planta, Circuitos eletrônicos, Desenho do projeto
Dimensões variáveis
Vídeo registro: <https://youtu.be/0Y0uBOFc5n4>





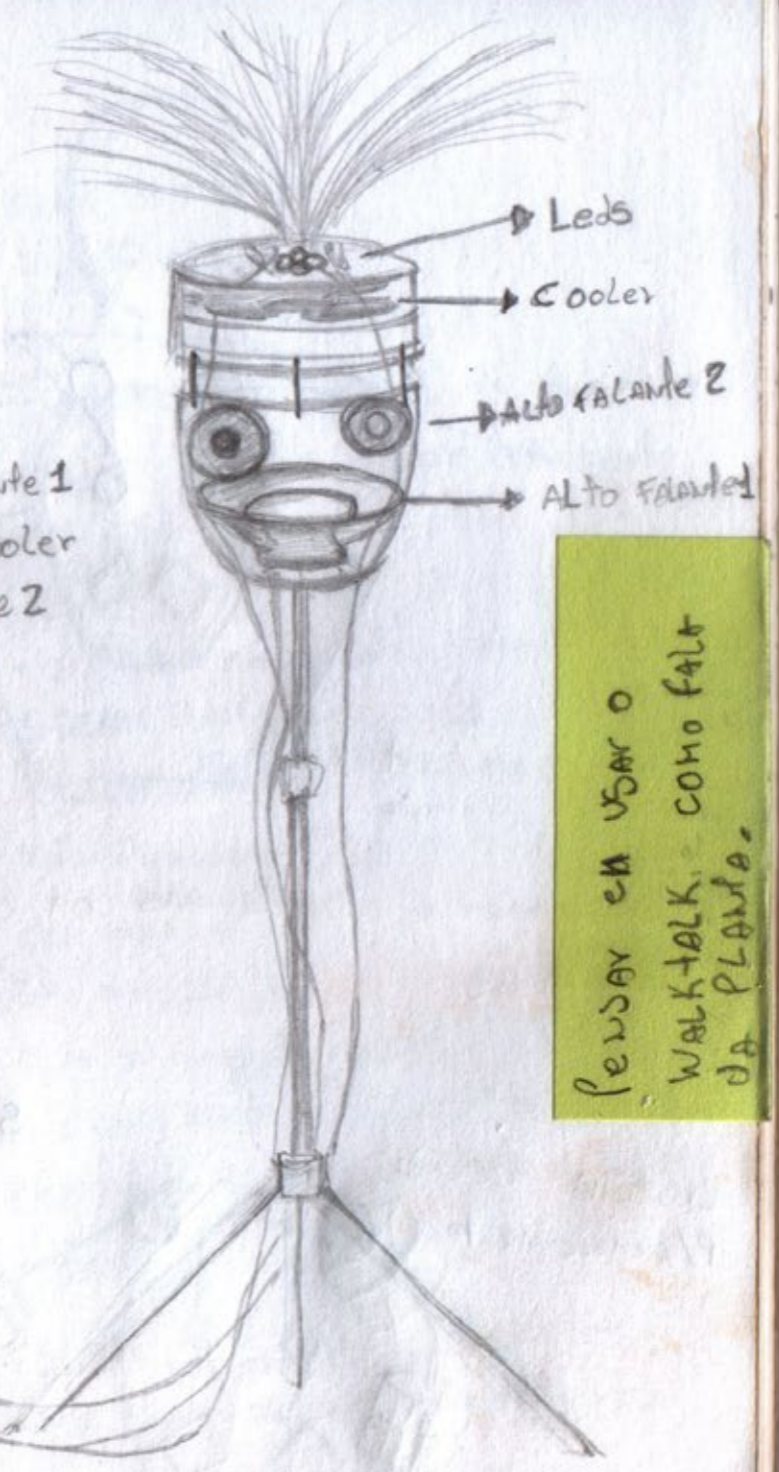
Ações

Sensibilidade = Leds

Sensor de Solo = Alto Falante 1

Sensor temperatura = Cooler

Microfone = Alto Falante 2
OU LDR



Pensar em usar o
WALK-TALK, como fala
da planta.

Planta Robô, 2011
desenho em sketchbook

Planta Robô, 2011
Planta, Circuitos eletrônicos,
Desenho do projeto
Dimensões variáveis



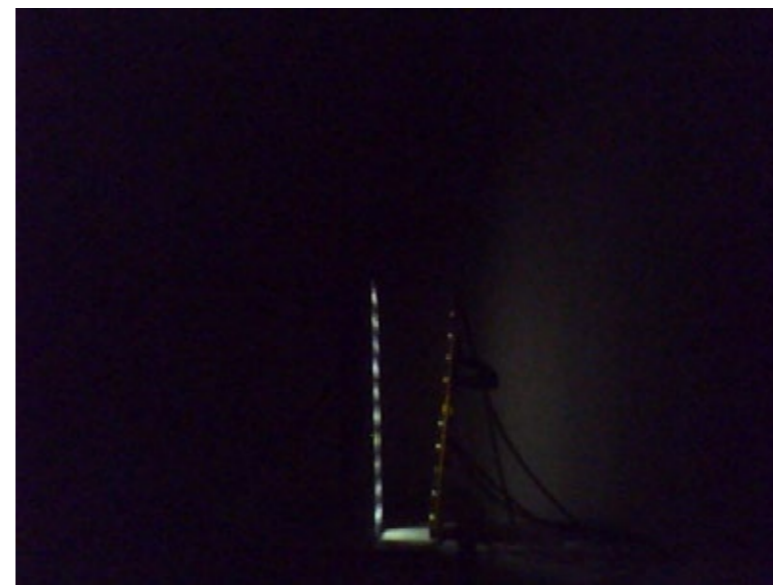
Estudos para entropia ou mutualismo

Estudos para entropia ou mutualismo surge a partir de investigações sobre o funcionamento de objetos eletrônicos e alternativas para modificar suas funcionalidades. Essa investigação, que passa pela análise do funcionamento das coisas, o processo de desmontar e montar objetos para estabelecer novas conexões, apresenta muitos caminhos a serem explorados. Esse processo é registrado e apresentado em fotografias, vídeos e pelo próprio objeto, num estudo de anatomia que revela detalhes das estruturas que o compõem.

Nesse estudo surgiu a obra *Quanto mais perto menos provável*. Os objetos analisados são uma luz de emergência, dessas encontradas nos corredores de edifícios, e um conjunto de placas de energia solar. A luz de emergência e as placas são colocadas em frente uma da outra. Entre elas há um circuito que faz a conversão da energia coletada pelas placas solares transferindo para as baterias, que por sua vez alimentam a luz de emergência. Num primeiro momento a estrutura criada se assemelhou a um objeto de “energia infinita”, mas minha investigação queria romper esse “ciclo vicioso”, intervindo na relação entre a luz de emergência e as placas solares. Percebi que a relação entre os objetos se afeta quando dispostos em diferentes distâncias um do outro.

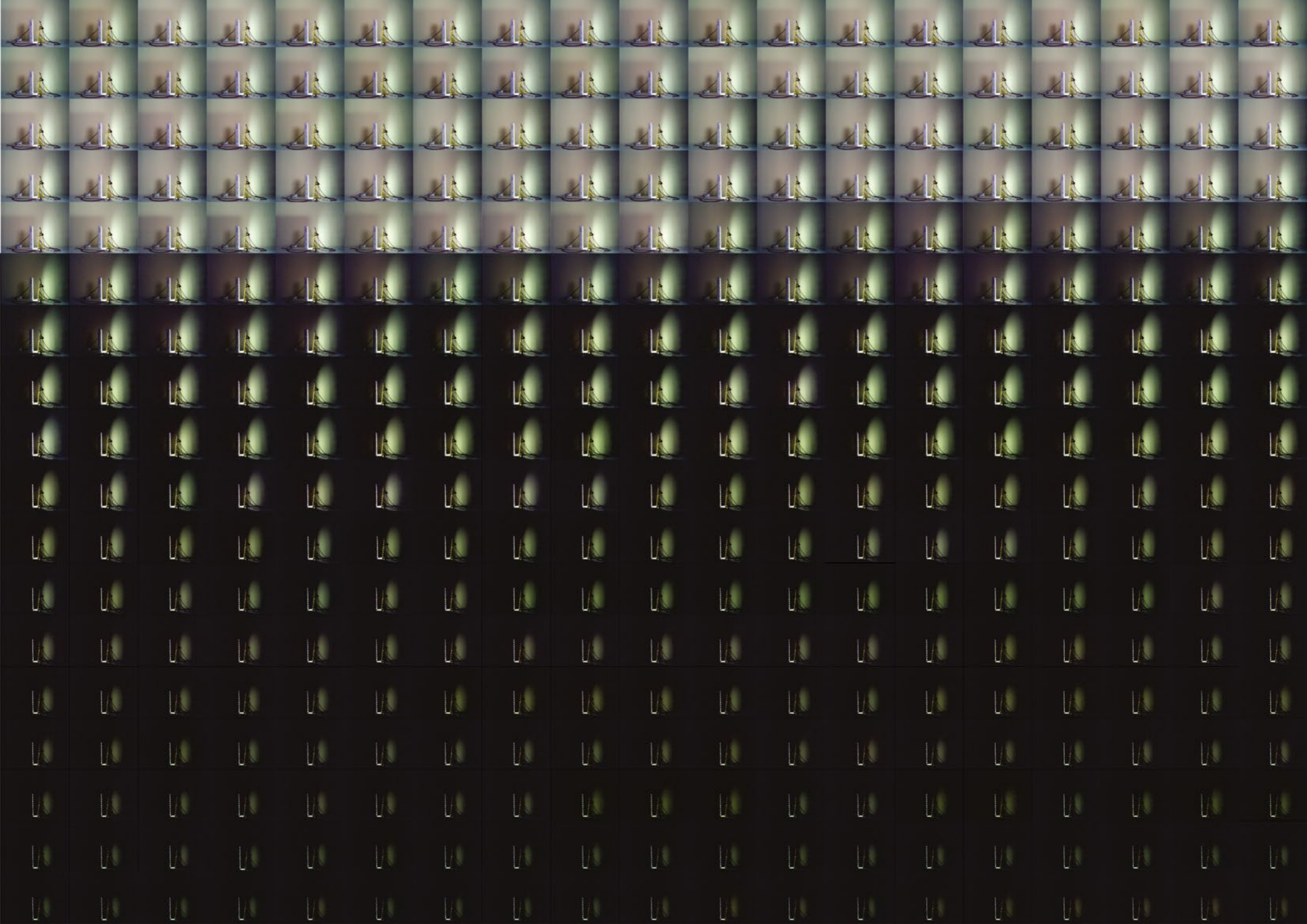
Os dois corpos se comunicam, mas quando muito afastados, com o passar do tempo a potência da energia que circula entre eles vai se dissipando. Entretanto, se há uma luz externa (solar ou artificial) as placas captam a energia e a luz de emergência volta a funcionar, emitindo luz que novamente alimenta as baterias conectadas às placas solares. Se os objetos ficam muito longe um do outro a relação não se estabelece, o mesmo ocorre se estão muito próximos. Subjetivamente a relação entre os objetos se assemelha com a paixão entre duas pessoas, que querem estar próximas, mas se ficarem por muito tempo muito próximas uma da outra se prejudicam mutuamente. Quando numa relação ideal, a proximidade é equilibrada a ponto de permitir a cooperação entre ambas. Este processo investigativo continua a ser estudado e testado, ainda não está encerrado.

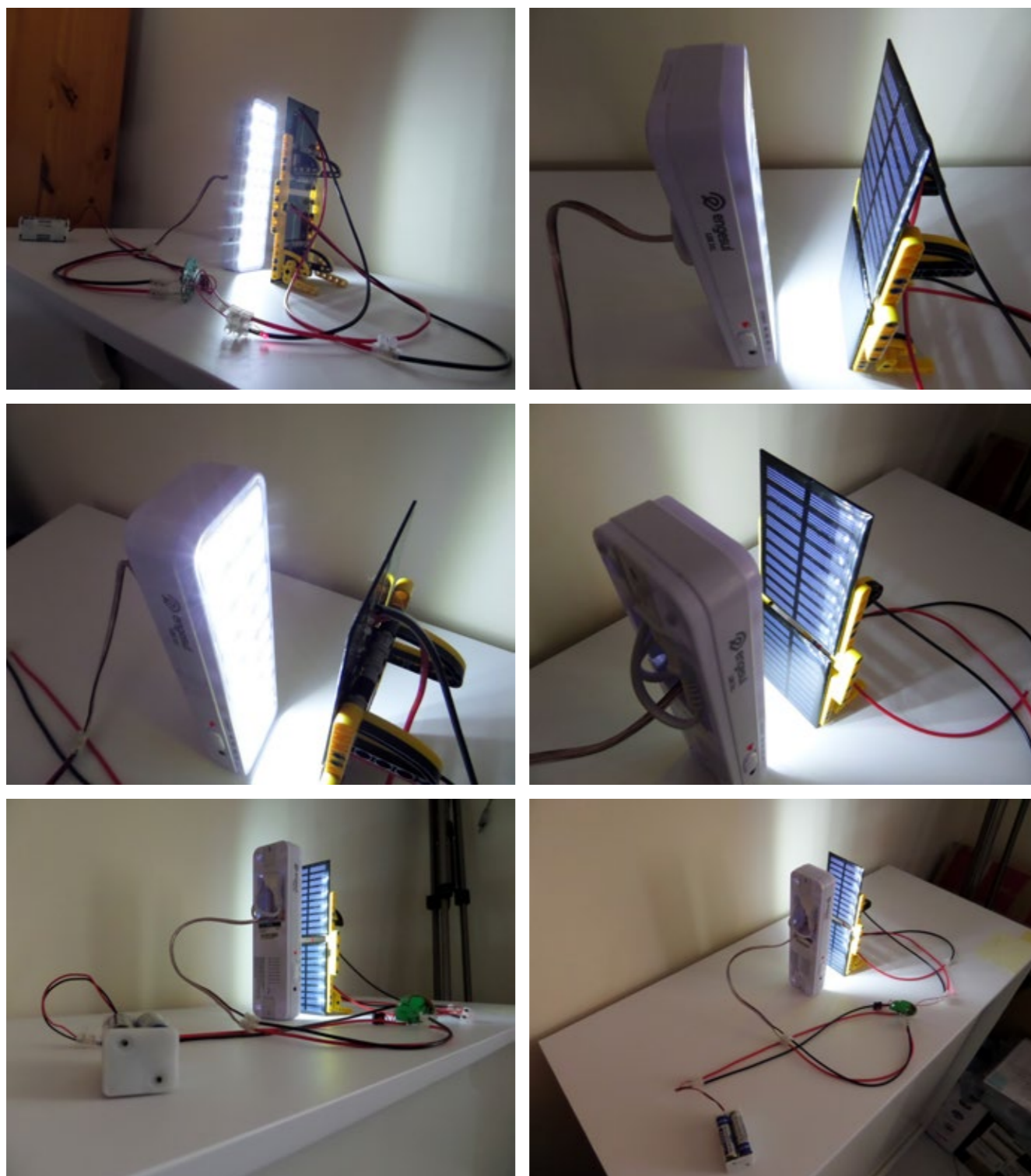
Em minha produção busco trabalhar com objetos comuns e reorganiza-los de modo que assumam outros significados nos sistemas construídos. Deslocar suas funções habituais dispendo-os de modo a criarem relações cujo sentido não se dá de forma evidente ou de acordo com o ordenamento do mundo real.



Quanto mais perto, menos provável, 2017
Video em Stop Motion de 24h
1' 36"

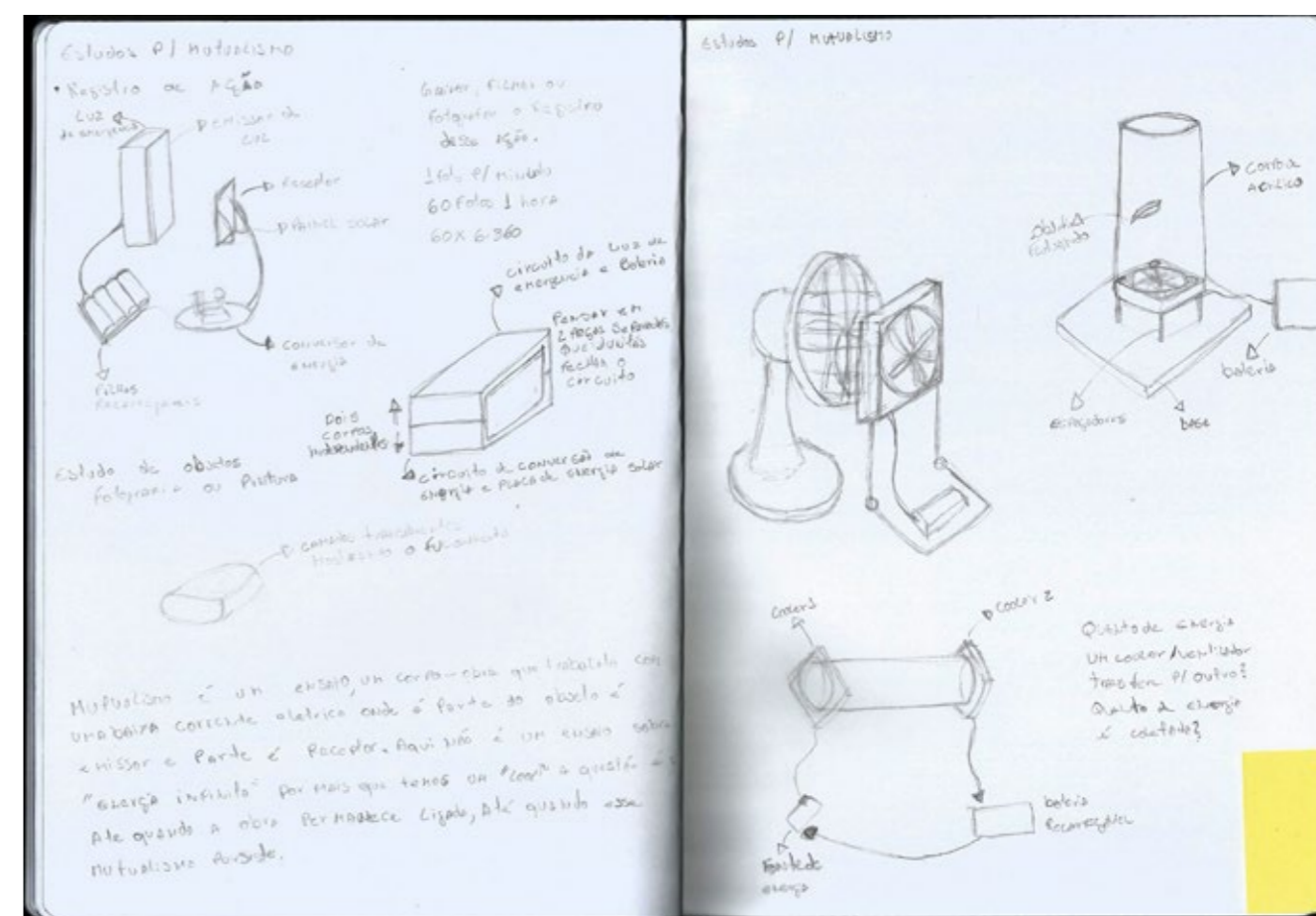
link para o video: https://youtu.be/Wa_kMxzFEA



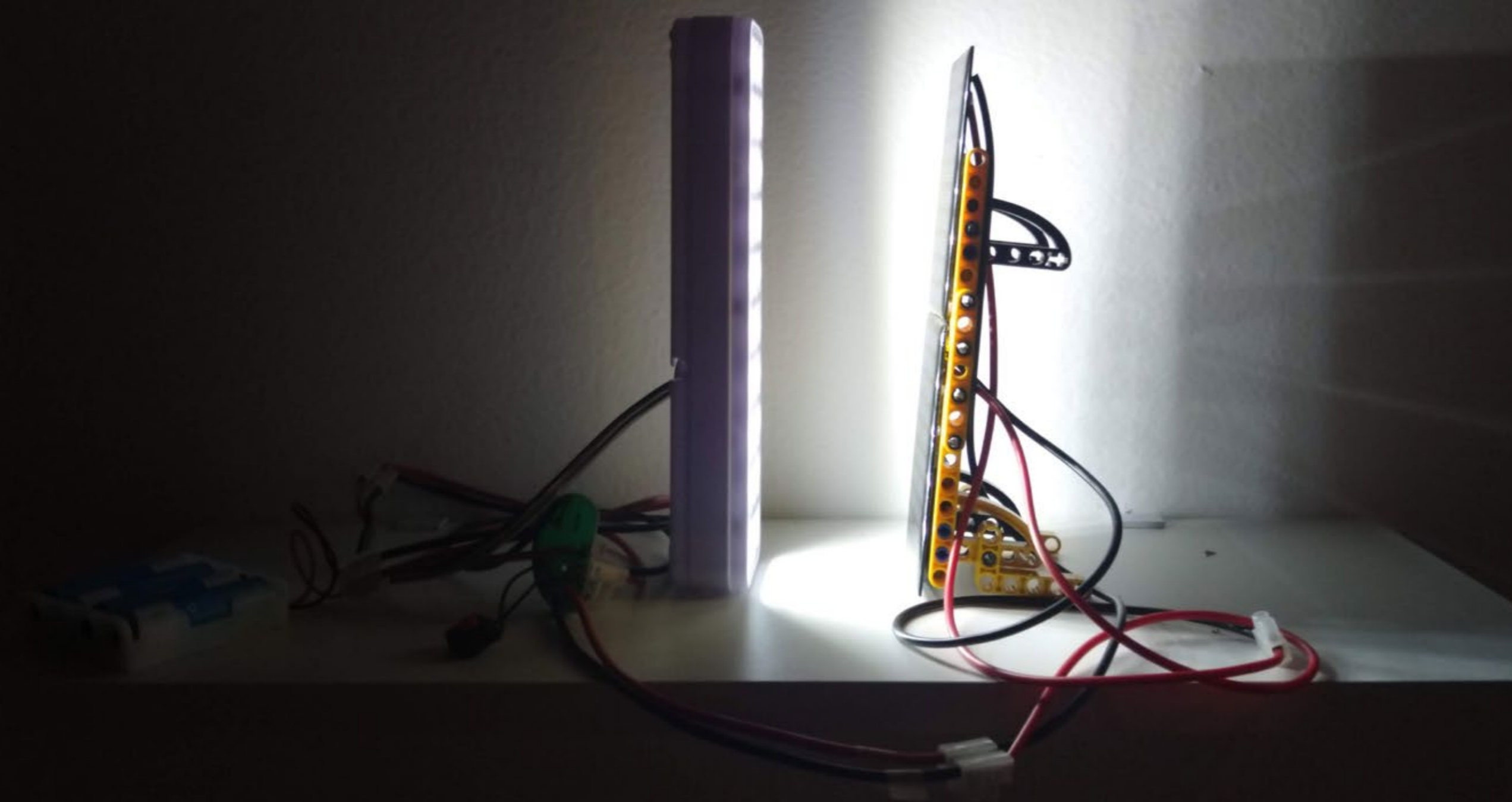


Quanto mais perto, menos provável, 2018
Luz de emergência, placas de painel solar, pilhas e conversor de energia
50 x 80 x 22 cm

Vídeo registro: https://youtu.be/Wa_kMxznFEA



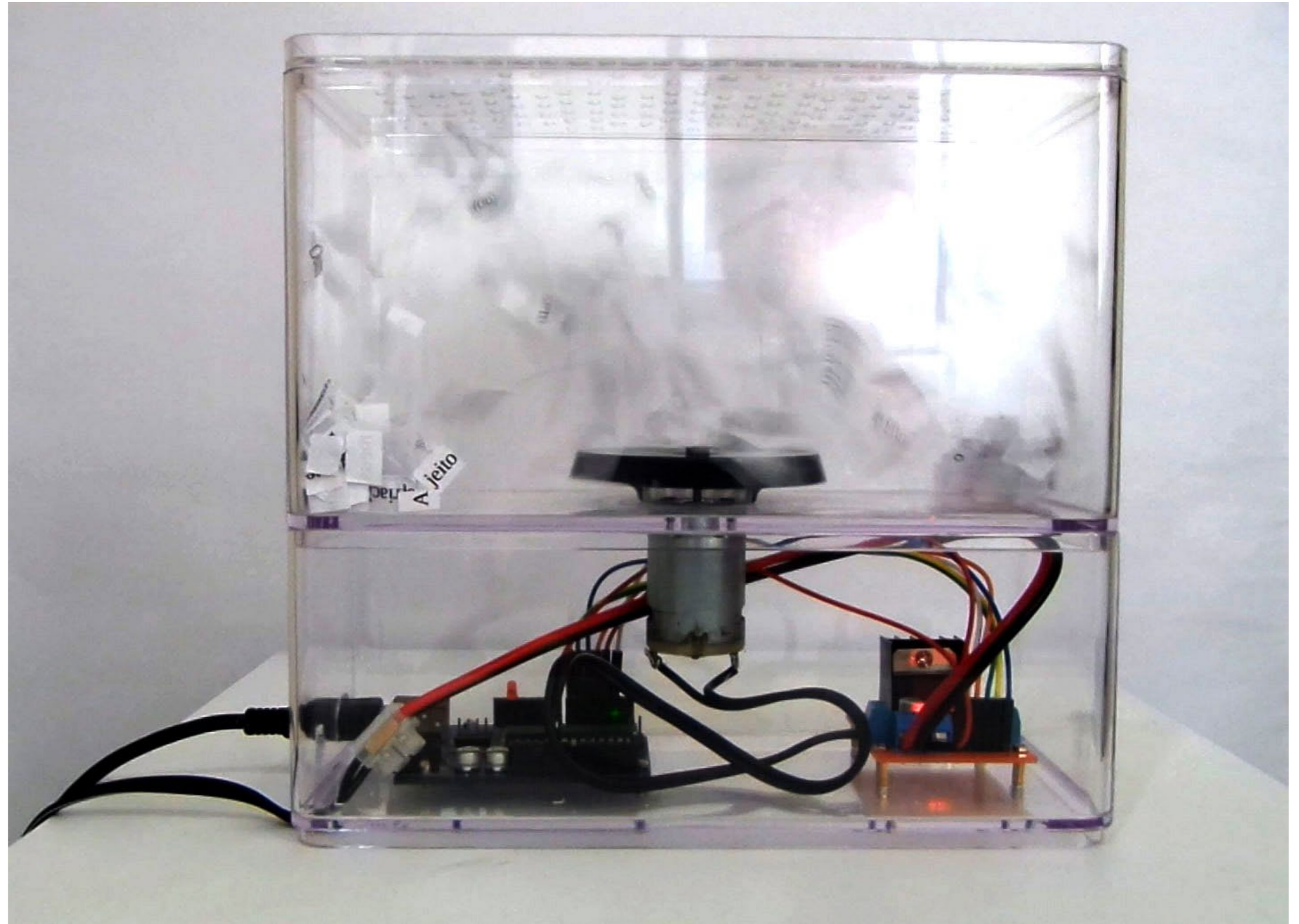
Desenhos e estudos da obra Quanto mais perto, menos provável, 2017
Desenho em sketchbook
30 x 21 cm

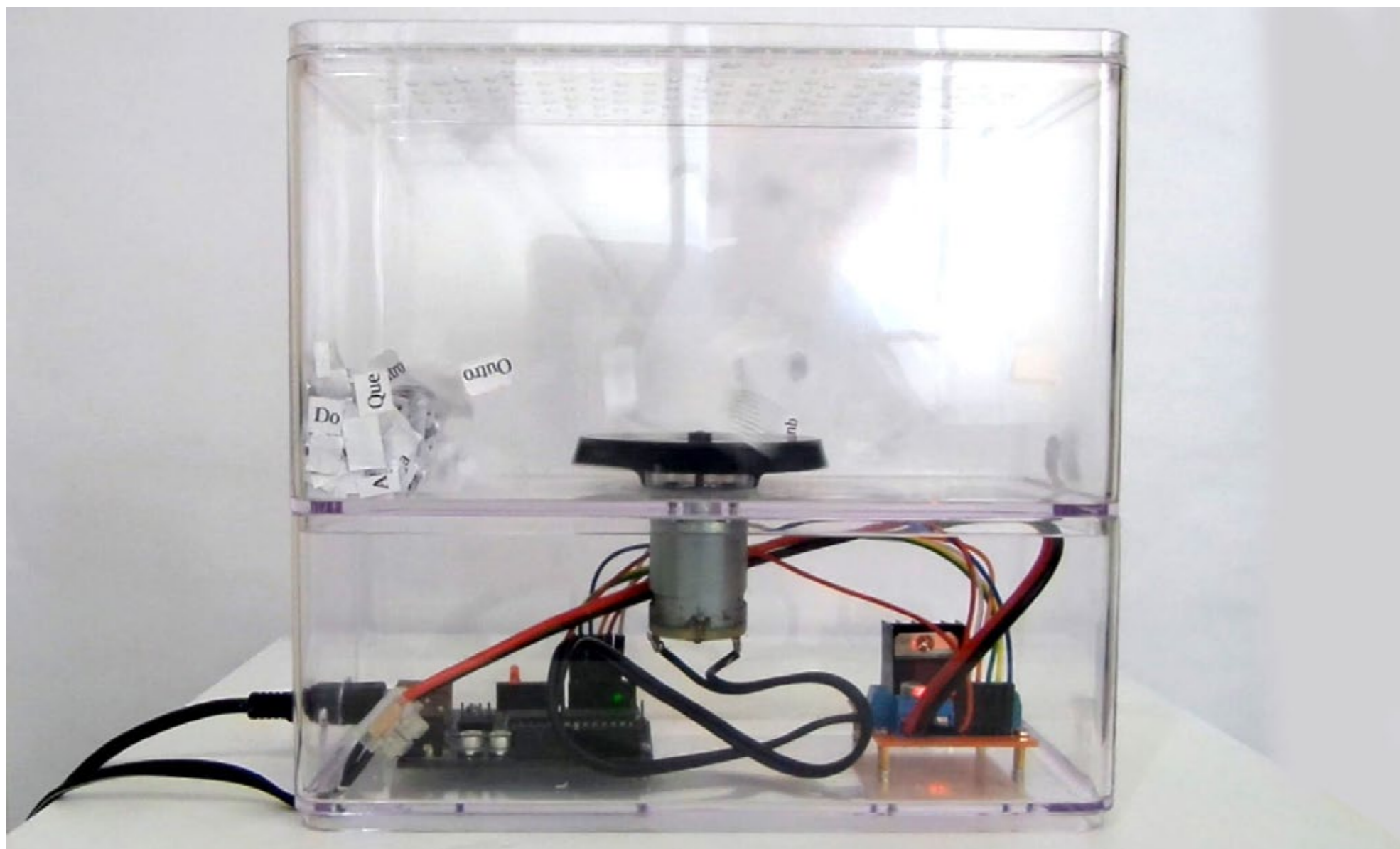


Dois Querer

Palavras recortadas da musica Dois querer de autoria de Fagner são inseridas em uma caixa de acrílico. Com o passar do tempo as palavras sofrem uma fricção, efeito do motor que esta acoplado a caixa. Com essa fricção as palavras aos poucos vão se desfazendo com o passar do tempo até virar pó.

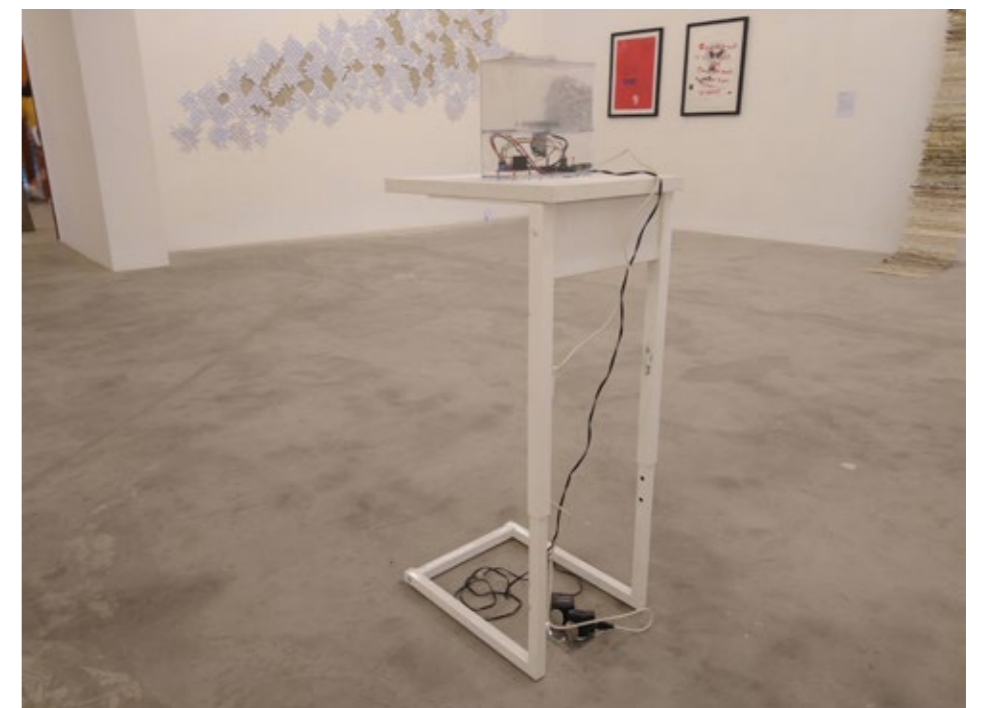
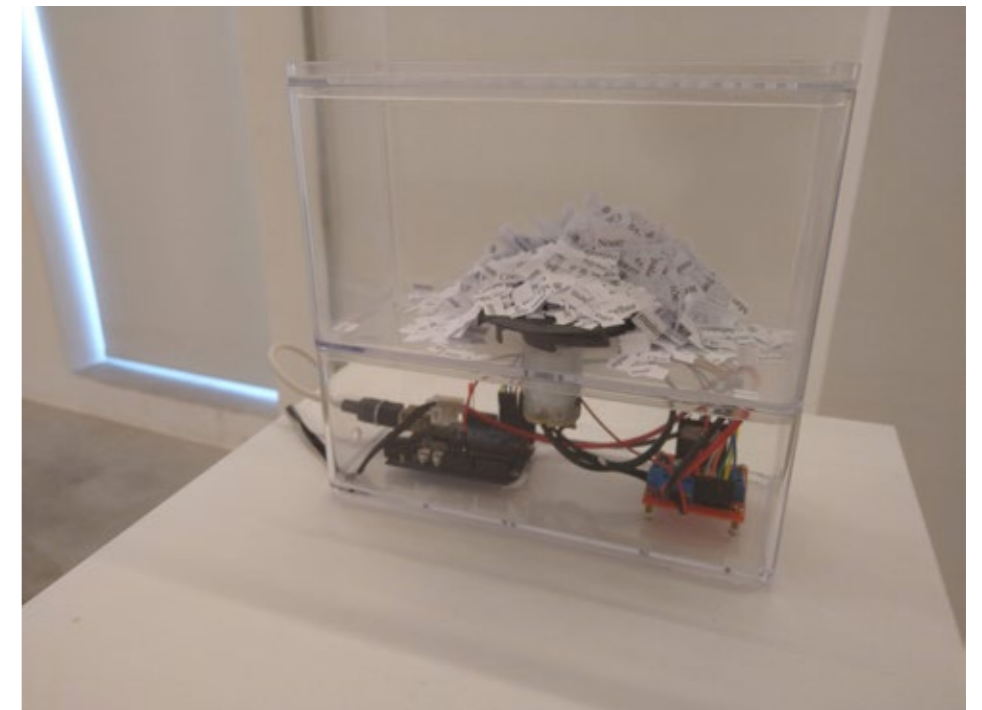
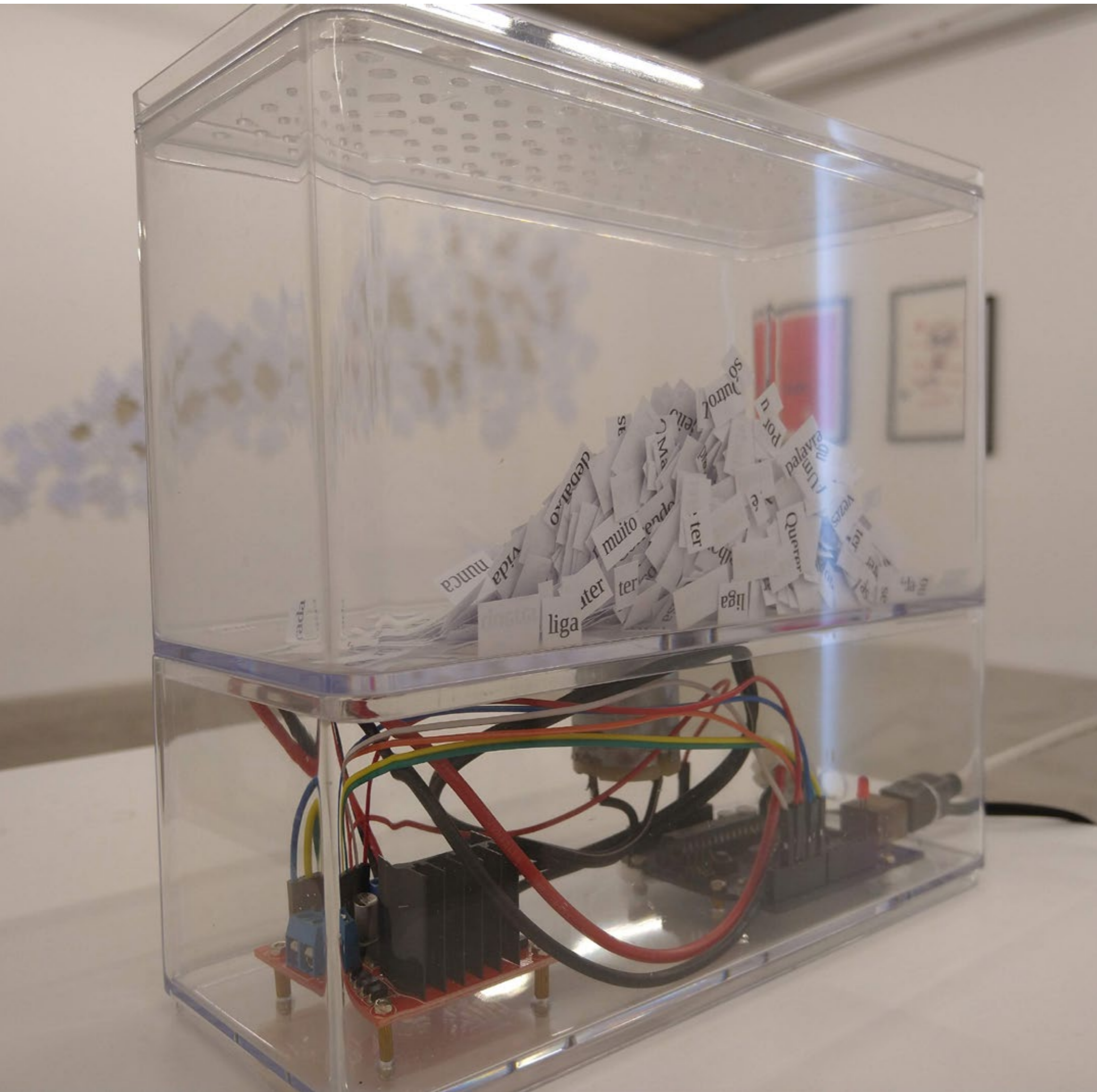
Vídeo registro dessa obra: <https://youtu.be/JIWXt9AvJlk>





Dois Querer, 2018
Palavras da letra da musica Dois Querer de composição do Fagner
Estrutura em acrílico, motor e arduino.
Dimensões do objeto 20 x 21 x 9 cm

Vídeo registro dessa obra: <https://youtu.be/JIWXt9AvJlk>

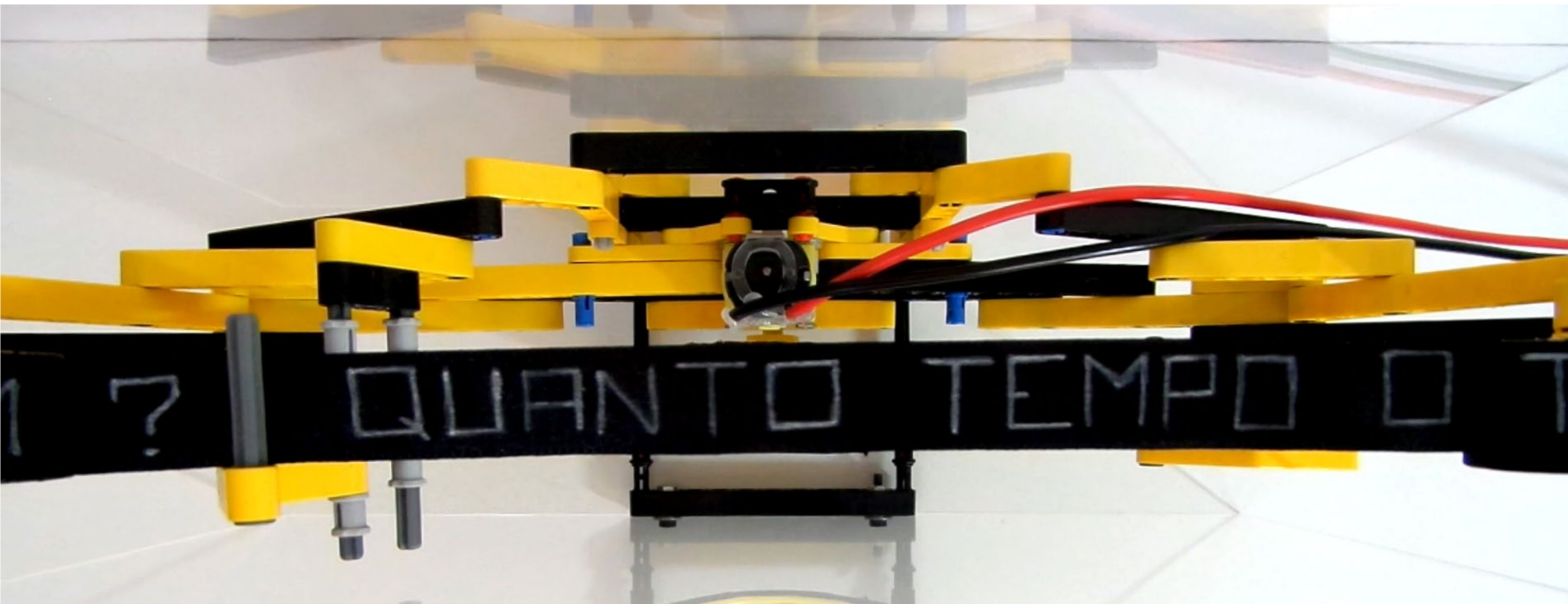


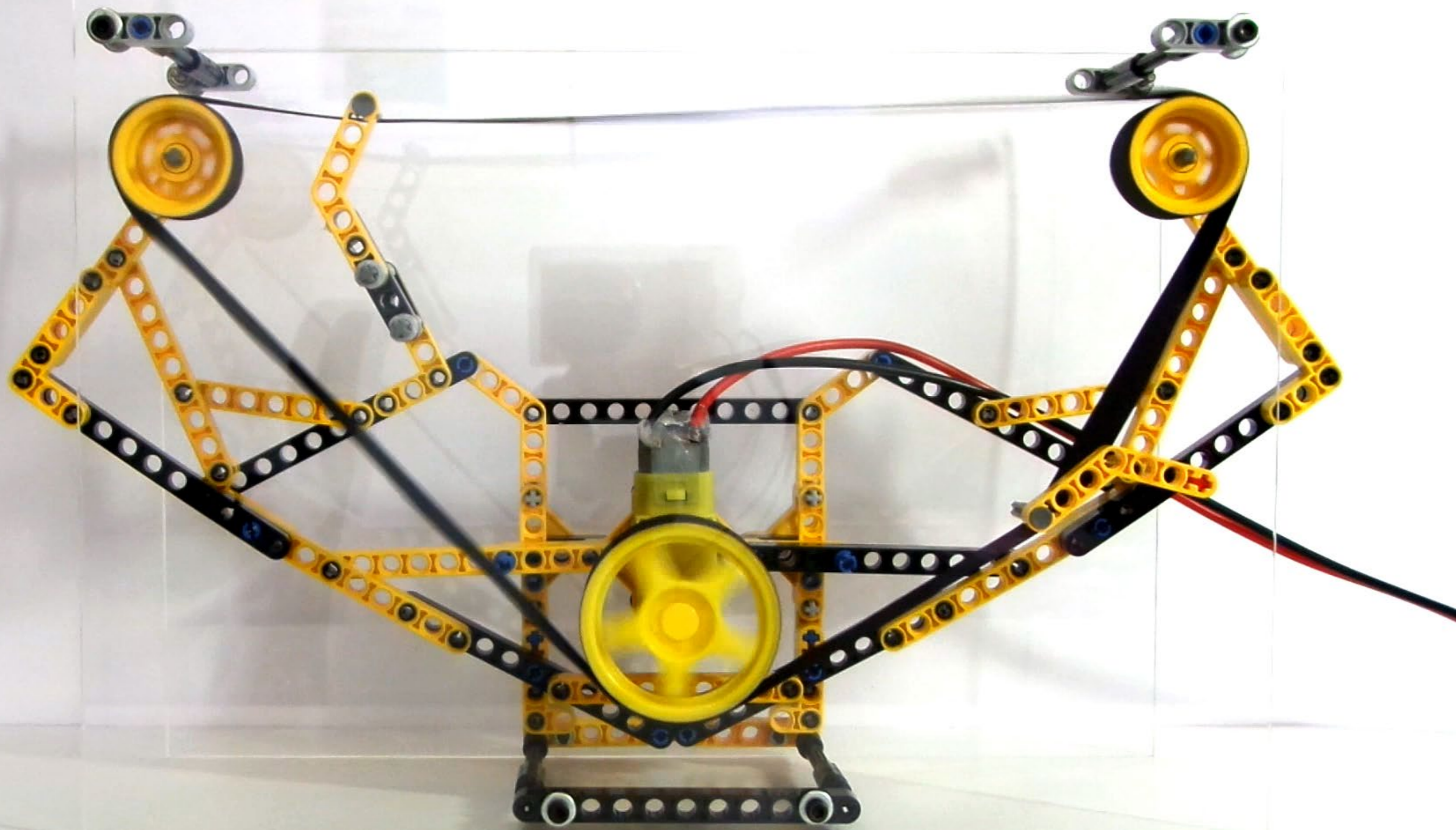
Quanto tempo você tem? Quanto tempo o tempo tem?

Um conjunto de engrenagens interligadas faz circular uma faixa com duas frases: "Quanto tempo você tem?" e "Quanto tempo o tempo tem?". O mecanismo flui no sentido anti-horário, numa tentativa de voltar no tempo.

Essa obra fez parte da exposição coletiva Desterro Desaterro - arte contemporânea em Santa Catarina no Museu de Arte de Santa Catarina, MASC, com curadoria de Josué Mattos entre maio e julho de 2018.

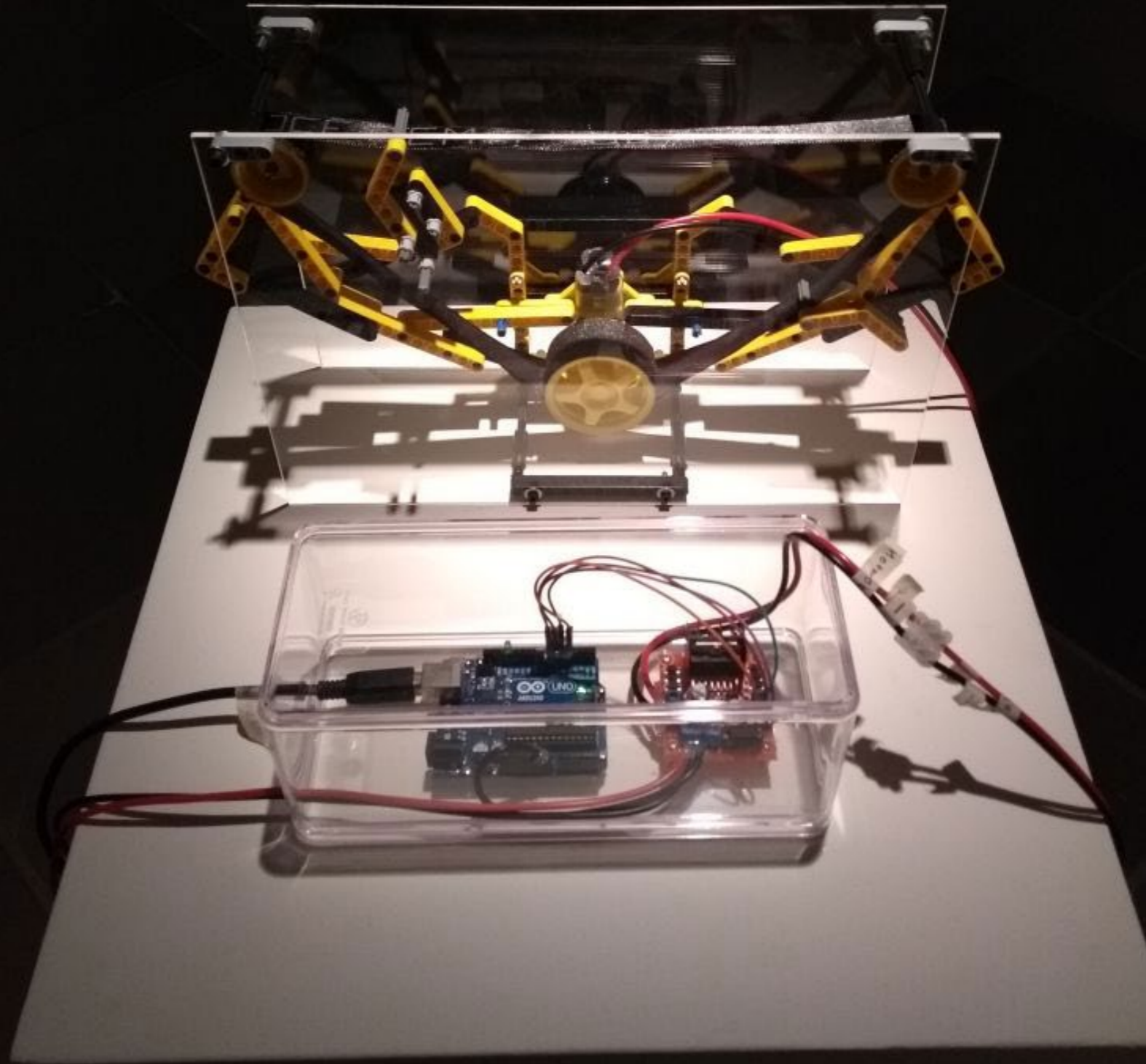
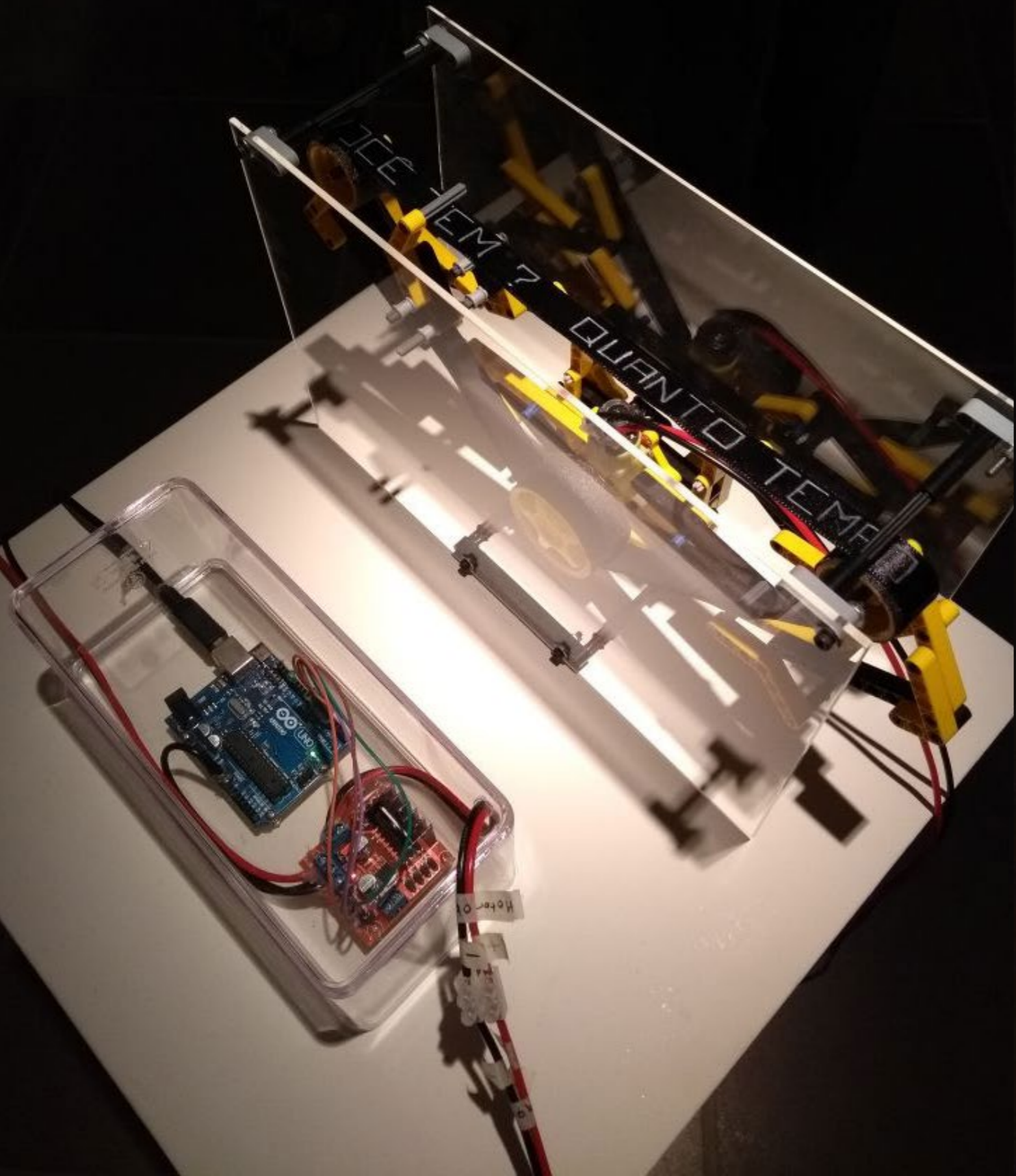
Vídeo registro dessa obra: <https://youtu.be/hvIZW6v3ltY>



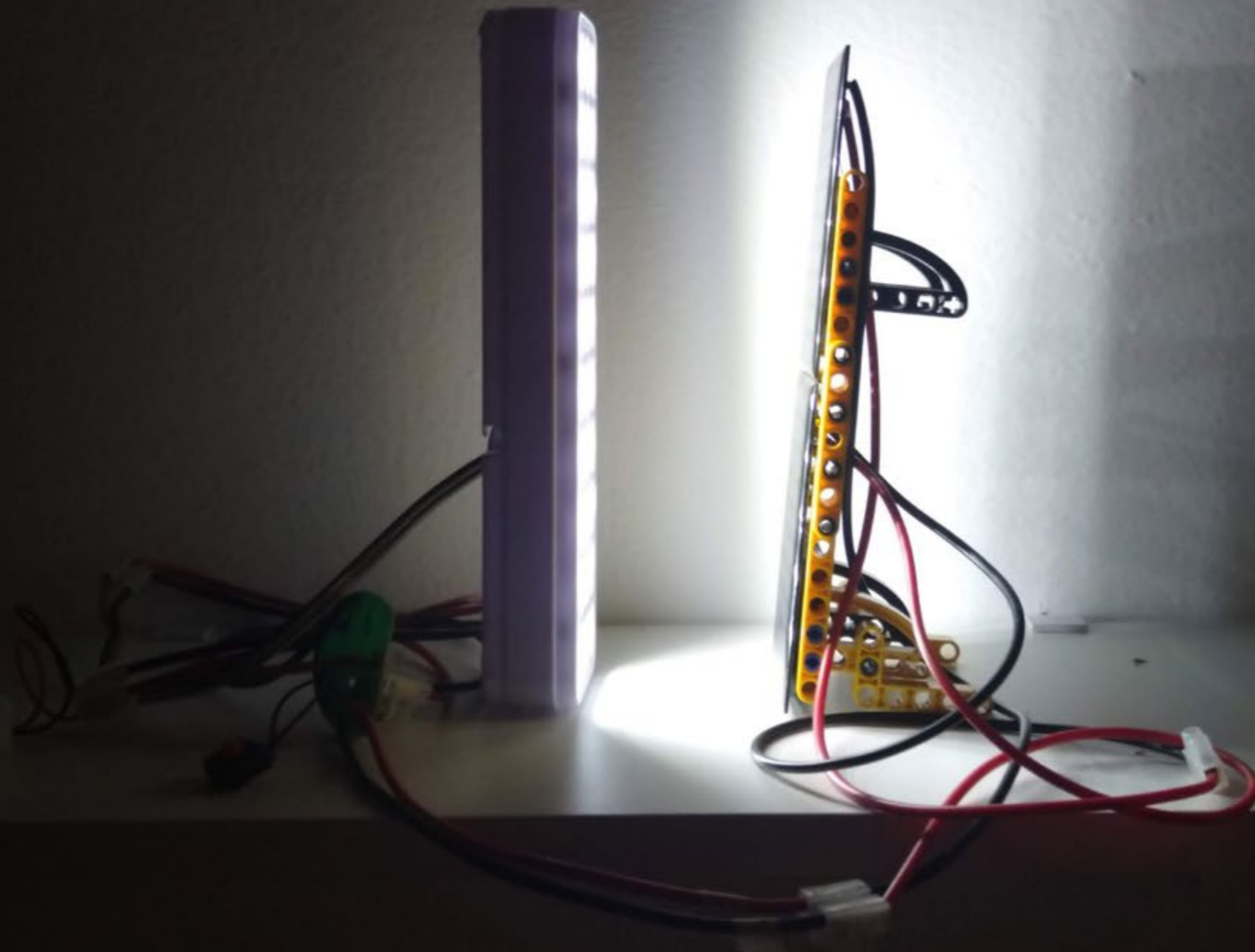


Quanto tempo você tem? Quanto tempo o tempo tem?
2017, Lego, arduino, e fita de cetim com escrita
37 x 10 x 21 cm

Vídeo registro dessa obra: <https://youtu.be/hvlZW6v3ltY>



Jonas Esteves



Email jonas.esteves@gmail.com

Site <http://www.jonas.art.br/>